

os médicos da morte

philippe aziz

Tradução de Estúdio C

 **DESASSOSSEGO**
LIVROS PARA PENSAR

ÍNDICE

PRIMEIRA PARTE

Viagem ao reino das sombras	11
A medicina alemã: Moloch com pés de barro	32
Uma obra de «salvação pública»: a Eutanásia	58
O homem de branco do III Reich	80
A moral do mais louco: o culto da morte	132
Karl Brandt perante os seus juízes: um combate duvidoso	151

SEGUNDA PARTE

Auschwitz, capital da morte	219
Capítulo 1 — Prelúdio das chacinas	220
Capítulo 2 — A máquina começa a funcionar	250
Capítulo 3 — Hipócrates no reino da morte científica	262
O fornecedor da morte	273
Os outros experimentadores em ação	337
O império himmleriano desmorona-se	378

TERCEIRA PARTE

Os médicos nazis: bodes expiatórios do ocidente?	429
As pesquisas frenéticas do doutor Rascher	442
Buchenwald: «a clínica de luxo»	491
Ravensbrück: o inferno das mulheres	537
Natzweiler: experimentadores convictos	582

QUARTA PARTE

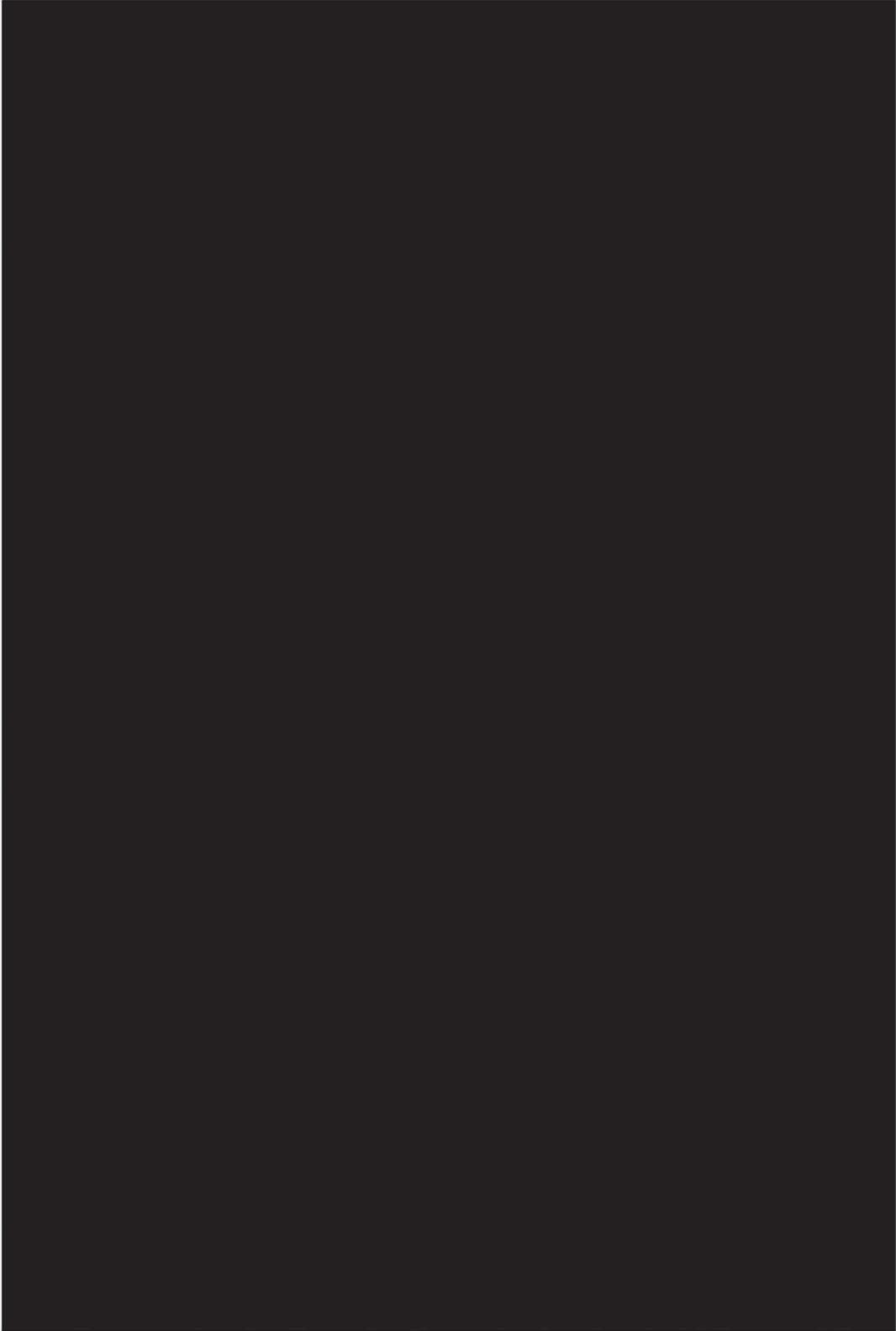
A operação da morte lenta	639
A revolta contra a ação T 4	696
A extraordinária aventura de Kurt Gerstein, espião de Deus nas SS	746
O salvamento de Bethel	818



PRIMEIRA PARTE

KARL BRANDT

O HOMEM DE BRANCO
DO III REICH





VIAGEM AO REINO DAS SOMBRAS

«O homem não é o anjo nem fera, e quer a desgraça que quem quer fazer de anjo faça de fera...»

Pascal

HAMBURGO, 12 de novembro de 1972...
A cidade dos cem mil mortos, Hamburgo mártir, desaparece atrás de mim... A charneca de Luneburg, nesta manhã de outono, glacial e sombria, oferece silenciosamente a sua imensidade petrificada. Itsohoe surge, aldeia fantasmagórica das charnecas das bruxas.

A paisagem desolada e a esteva seca e negra que me rodeia acentuam o intenso mal-estar que sinto desde Hamburgo, desde o início desta minuciosa reconstituição.

Uma casa baixa, feita com o barro vermelho da região, ao fundo da aldeia deserta... O primeiro sorriso: o da corpulenta mulher morena que me abre a porta.

... Não me apercebo imediatamente da frágil silhueta, rodeada de almofadas e envolta em xailes, sentada junto ao enorme fogão de sala de ferro fundido. Apenas sei que a minha viagem termina ali, naquela sala acanhada e demasiado quente, de paredes descoradas, diante daquele imenso mapa da antiga Alemanha, entre aqueles móveis pesados, inúteis, perante aquele velho calvo, de olhar ausente, de mãos nervosas, que não pararão nunca de se agitar ao longo de toda a entrevista.

— Doutor Darnhoff?¹

A voz grave falará durante muito tempo, muitíssimo tempo... Eco perdido dos dias mais sombrios da Alemanha, do mais incompreensível dos seus heróis: Karl Brandt, médico de confiança de Hitler, comissário do Reich para a Saúde. Darnhoff era seu discípulo e amigo.

E, quando se calar, cobrindo com um véu obscuro certos segredos invioláveis por ele, não me ficará mais do que um amargo gosto a cinzas...

TESTEMUNHO SOBRE UM AMIGO

— Se aceitei falar hoje, é porque uma geração nos separa da guerra...
»Conheci-o em Munique, cerca de 1925. Éramos os mais fervorosos alunos do professor Sauerbruch. Ele era mais dotado e o mais inteligente de todos nós.

¹ Pseudónimo escolhido pelo autor.

Um pálido sorriso ilumina por um instante o rosto magro do meu interlocutor.

— Imagino a quantidade de raparigas que teriam gostado de o conhecer melhor, mas ele era de tal timidez que quando encontrava uma à saída das aulas me puxava logo para os corredores. Possuía uma voz notável, quase cantante, que nos fascinava quando o ouvíamos falar de medicina. Porque ele amava já apaixonadamente a sua futura profissão... Eu admirava-o por esse ardor, por essa fé absoluta na sua vocação. «Sabes, Heinrich», dizia-me ele, «eu sou ateu, e, no entanto, quando penso no meu primeiro escalpelo, na minha primeira operação, pois bem, é uma ação de graças, creio eu, que os meus lábios murmuram...»

A mulher jovem e sorridente que me acolheu há alguns instantes coloca diante de nós a tradicional garrafa de *Steinhäger* e dois copos. Não a ouvimos voltar a fechar a porta. Darnhoff nem parece ter dado por ela.

— Karl Brandt descendia de uma família de médicos, tal como eu. Mas eu queria ser médico mais por tradição do que por convicção. Ele não imaginava nada de mais belo, de mais realizador, do que a carreira médica. A personalidade do meu amigo e a sua ação futura explicam-se já, em parte, através deste amor à medicina e, sobretudo, à cirurgia. Mesmo quando se tornou comissário do Reich, uma espécie de ministro da Saúde Pública, nunca abandonou a sua prática cirúrgica. Sem descanso, continuou a operar na Policlínica de Berlim... Como se a sua permanência ali resgatasse o trabalho administrativo tenebroso que tinha de levar a cabo sob as ordens diretas de Hitler...

À pergunta que ponho ao ancião, a propósito desse trabalho que ele próprio qualifica de tenebroso, Darnhoff responde indiretamente.

— Tínhamos vinte anos naquela altura, e a Alemanha obrigava-nos a justificar todos os nossos atos. A guerra tinha-nos abalado violentamente, e a derrota, a terrível crise da nossa economia, a inflação, a morte de milhões de homens surgiam-nos como uma terrível injustiça. No exterior, a vergonha, a chacina; no interior, a ruína, a guerra fratricida, o medo e o ódio ao comunismo e ao capitalismo. Vivíamos em Munique, no coração da Baviera! O nacional-socialismo representava a única saída, a mais segura esperança... E o meu amigo Brandt era alsaciano de origem! Um desses alemães desenraizados que tiveram de abandonar a sua terra depois da guerra.

A MINHA TERRA, QUE JÁ NÃO ME PERTENCE

Mulhouse, 8 de janeiro de 1904. Um homem afasta o pesado reposteiro de veludo, que esconde uma noite sombria de temporal. O calor calmo do aposento

contrasta violentamente com o ruído incessante da chuva. A massa austera do templo de Saint-Étienne não oferece mais do que a sombra cega dos seus vitrais. De súbito, um vagido longínquo chega até ali num eco abafado.

O homem estremece, largando vivamente o tecido espesso, que cai com um barulho surdo, e volta-se, com ar ansioso.

Um instante depois, abre-se uma porta. Um homem de sobrecasaca negra entra na sala, com um sorriso rasgado nos lábios.

— Parabéns, Herr Brandt. O seu filho é soberbo!

Karl Brandt acabara de nascer. A terra que o acolhe naquela noite, alemã desde 1871, só o continuará a ser por mais quinze anos. O tempo de uma infância...

Intrigado, pergunto então ao doutor Darnhoff se a adesão de Karl Brandt às ideias nacionais-socialistas não teria sido devida, em parte, ao facto de, alsaciano de nascença, ter sido «obrigado a emigrar para a Alemanha» em 1939.

— Não o digo, afirmo-o — continua o velho. — Brandt sofreu terrivelmente com a ocupação francesa da Alsácia. Tinha quinze anos e mal terminara ainda os seus estudos secundários... Desculpe-me se lhe falo assim da Alsácia, mas, para milhares de alsacianos alemães, aquela terra fazia parte integrante da Alemanha...

Darnhoff parece subitamente mais emocionado. As suas mãos traçam no ar formas estranhas. Em voz baixa, continua:

— Para Brandt, como para muitos de nós, o desejo de reconquistar aquela província tinha-se tornado o projeto mais querido, talvez também o mais louco... Não nos serviria a ambição desenfreada de Hitler?... Mas a nostalgia e o apego à terra natal são sentimentos profundamente enraizados na nossa mentalidade... O Partido Nacional-Socialista será para Karl Brandt o partido vingador, o partido da esperança. Voltar a pisar um dia as ruas de Mulhouse...

A DECLARAÇÃO DO PROFESSOR PLATE

— Éramos uma juventude revoltada, desesperada, condenada ao desemprego. Acolhemos a propaganda nacional-socialista como uma evidência... É-me precisa hoje muita coragem para ousar confessar o que lamentei em silêncio durante tanto tempo... Karl tinha começado os seus estudos em Iena, na Turíngia. Como todos nós, sofreu a influência dos seus mestres.

Ano de 1923. O grande anfiteatro da Faculdade de Medicina de Iena está a abarrotar. Gargalhadas ressoam entre os grupos de estudantes. As interpelações confundem-se, numa atmosfera despreocupada, no burburinho tradicional dos meios estudantis. De súbito, o professor Plate aparece. O seu curso de Zoologia

era dos mais frequentados. Sombrio e severo, dirige-se para a sua cátedra. Pouco a pouco, o silêncio instala-se nas bancadas apinhadas.

— Antes de começar a minha lição, tenho uma declaração a fazer a esta assembleia de estudantes.

Um silêncio de chumbo cai sobre o anfiteatro. O professor Plate está demasiado sério para que a sua declaração não seja importante.

Seca, cortante, a sua voz faz-se ouvir:

— Devo avisar os estudantes de origem não ariana, em particular os estudantes judeus, que doravante se deverão abster de frequentar as minhas aulas e de participar nos meus seminários. A partir da próxima semana tratarei da absoluta contradição da mistura das raças e do indefetível princípio de realidade que é a raça alemã na sua genética pura...

Estupefactos, os estudantes entreolham-se. De súbito, no meio do silêncio geral, um rapaz moreno levanta-se, estendendo um braço acusador para o estrado:

— Plate — grita com voz forte —, não lhe reconheço mais o direito de doravante continuar a ser o eminente professor que respeitei e escutei. Nego-lhe o direito de expor publicamente teorias prejudiciais ao futuro da Alemanha. Acuso-o de racismo, de antissemitismo, de fascismo. Acuso-o de fazer propaganda nazi ao serviço dos piores inimigos da nossa democracia.

Um clamor monstruoso irrompe em consequência desta tomada de posição. Os recontros surgem, no meio de gritos e de altercações. O anfiteatro de Iena transforma-se num campo de batalha.

O Governo da província reclamará sanções disciplinares contra o professor Plate. Mas o processo fica num beco sem saída, de pesadas consequências...

À minha pergunta sobre a eventual presença de Karl Brandt naquele dia, Darnhoff responde:

— Não, Karl Brandt não frequentava nesse ano o curso do professor Plate, mas, em Munique, participou em algumas manifestações concordantes com aquela declaração.

Olhei para o ancião, ardendo no desejo de lhe fazer a mesma pergunta acerca do seu próprio comportamento. Compreendeu a minha hesitação. Aquela voz longínqua explicaria então:

— Se tivesse o carácter e as motivações nacionalistas de Brandt, sem dúvida que teria agido como ele, mas eu tinha a sorte de ser de Hamburgo. O meu futuro parecia-me mais seguro do que o dele. Iria herdar o consultório do meu pai... E, além disso, alguns dos meus mais queridos amigos eram judeus.

UMA FORÇA COM UM ENFORCADO

Abril de 1925. A Associação dos Estudantes de Medicina de Munique manifesta-se ruidosamente diante do edifício da Reitoria. O *numerus clausus* dos últimos exames tinha sido particularmente feroz. Gritos hostis a propósito do número muito elevado de estudantes judeus admitidos às provas elevam-se, no meio de cânticos fascistas...

Um pouco afastados, dois estudantes olham os seus camaradas que se agitam. O mais jovem, com um ar embaraçado, inquieto, murmura em voz baixa:

— Estou desolado, Hirsch. Tu és para mim tão alemão como todos os que aqui estamos. A propaganda nacional-socialista faz-me medo. Ela procura um responsável pelos males da Alemanha; não encontra senão vítimas. As teorias rácicas são como a árvore que esconde a floresta.

O rapaz alto e moreno não responde. Abana tristemente a cabeça.

De súbito, saindo da multidão, um estudante precipita-se para eles, agitando um livro com o braço estendido.

— Hirsch — grita ele ironicamente —, trago-te isto... com os meus agradecimentos e os meus parabéns.

O rapaz alto agarra no ar o livro, que se abre brutalmente na última página.

Tinham aí desenhado a tinta preta uma força com um enforcado. Como legenda, apenas estas palavras: «Fim de Hirsch, 19...?»

— O estudante que desenhara aquela força — diz Darnhoff — era Karl Brandt... O que acompanhava Hirsch naquele dia era eu!

O olhar de Darnhoff cruza-se com o meu. O velho médico abana a cabeça. A aterradora impostura hitleriana não está longe. A História ainda não se encarregou de a enterrar. Através da janela, a mancha acinzentada da charneca parece justificar o nosso silêncio. Darnhoff recomeça lentamente:

— E, contudo, Karl Brandt não era um fanático. Nunca lhe ouvi discursos antissemitas. Creio que, em Berlim, tinha numerosos secretários judeus e meio judeus nas suas repartições. Mas estava profundamente revoltado contra o sistema corrupto que vigorava naquela época. Também ele procurava responsáveis... Talvez isto lhe pareça curioso, mas o seu idealismo e a sua fé na medicina quase o levaram a partir para África com Albert Schweitzer.

«VOU PARTIR COM O DOUTOR SCHWEITZER PARA O CONGO»

Sugeri a Darnhoff que me falasse mais precisamente daquilo a que chamei o «caso Schweitzer».

— A «época Schweitzen» é determinante na vida de Brandt... Trabalhávamos desde 1928 juntos na zona industrial do Ruhr. Em Bochum. No Hospital Bergmannsheil, no serviço do professor Magnus... Mas depois lhe falei disto... A passagem por Bochum também é muito importante para compreender a sua adesão ao partido e a Hitler.

»Karl Brandt admirava profundamente os trabalhos do professor Schweitzer, alsaciano como ele. Sei que o visitou muitas vezes enquanto estivemos em Bochum. A inteligência, a dedicação, a ciência do professor pareciam exercer nele uma influência extraordinária. Falava-me dele como sendo um homem com quem tinha tudo a aprender. Um dia, veio procurar-me a minha casa. Tinha um ar feliz, que me surpreendeu: “Heinrich”, gritou-me, entrando como louco, “vou partir...”. E, antes que eu pudesse dizer fosse o que fosse, acrescentou de rajada: “Vou partir, vou partir com Schweitzer para o Congo. Ele está de acordo. Leva-me...” Que pena não ter partido! Mas o jogo das nacionalidades decidiu por ele, de um modo diferente. Para que essa partida fosse possível, a França exigia que ele fizesse o serviço militar no Exército francês e que, conseqüentemente, adquirisse a nacionalidade francesa. Ele! Um alsaciano alemão... Confiou-me nessa altura, como se previsse intuitivamente o seu futuro, que nunca nenhuma decepção tinha sido tão cruelmente sentida. “Pois bem”, disse, num tom amargo, “se não posso pôr a minha ciência, a minha dedicação, a minha coragem ao serviço das vítimas da peste em Lambaréné..., pô-las-ei ao serviço das vítimas da peste aqui na Alemanha!”

»Pensava nos infelizes mineiros que tratávamos no hospital de Bochum. Foi sem dúvida naquele momento que Karl Brandt entreviu o seu destino. E creio poder afirmar hoje em dia que Schweitzer e Hitler foram as duas personagens que mais o marcaram. Os seus dois modelos. Os seus dois espelhos.

»Penso em Karl Brandt: no seu sentido de organização, na sua paixão pelo trabalho médico, no seu afincamento em levar até ao fim a missão assumida. O que ele não poderia ter feito junto a um homem como Schweitzer!

«TÍNHAMOS UM TAL HÁBITO DA MORTE DOS OUTROS!»

A voz de Darnhoff traz-me de novo à realidade.

— Em Bochum, o trabalho era arrasante. Operávamos todos os dias. Quer na companhia do professor Magnus, quer na companhia do professor Rostock, de quem deve certamente ter ouvido falar, pois ele foi absolvido no julgamento de Nuremberga...

»Um dia que estávamos de serviço ao banco de urgência, os dois juntos,

uma chamada telefónica avisou-nos de que a queda de alguns pilares de suporte provocara um grave acidente nas minas de Bertinghem. Preparámos a receção dos feridos. Foi um espetáculo aflitivo. As ambulâncias traziam-nos, incessantemente, feridos, gravemente atingidos. Nunca tínhamos até então, nem Brandt nem eu, vivido semelhante drama...

»Alguns feridos vinham esvaídos ou em coma. Mas outros estavam ainda lúcidos e sofriam para além de todos os limites... Compreende... o mais dramático para nós, médicos, era que bem depressa nos apercebíamos de que alguns deles não poderiam sobreviver. Lembro-me de uma cena que nos perturbou, a um e a outro. Íamos a atravessar a sala de urgência e um dos feridos, que tinha sido atrozmente atingido nas pernas e na bacia, agarrou convulsivamente a bata de Brandt. Pôs-se a gritar:

«— Doutor, suplico-lhe, despache-me depressa... Não posso mais... Não pode fazer nada por mim, é tarde de mais... Doutor, quero morrer, está a ouvir? Quero morrer.

»As suas palavras tornaram-se indistintas e ele continuou a gritar de dor, apesar da morfina. Brandt teve de lhe abrir a mão à força para o desgraçado lhe largar a bata. Morreu alguns instantes mais tarde.

»Soubemos por um maqueiro que ele estivera três horas preso entre os escombros, à espera que o libertassem. Brandt estava lívido e eu já não sabia o que fazer. E, no entanto, tínhamos um tal hábito da morte dos outros... Não sei se me compreende... Não quero justificar Brandt, mas talvez ele tenha aceitado ocupar-se, alguns anos mais tarde, juntamente com Boulher, do monstruoso problema da eutanásia em parte por causa daquilo que vivíamos quotidianamente em Bochum. Já alguma vez ouviu os queixumes horríveis de um moribundo, quando você, médico, não sabe fazer mais do que deixá-lo gritar de dor mais alguns minutos? Não sei que considerações influenciaram, mais tarde, a atitude de Brandt. Mas lembro-me dele naquela noite; não consigo explicar-lhe... É impossível.

Embora ele o negue, vejo que Darnhoff procura aqui justificar a participação futura de Karl Brandt na ação hitleriana a favor da eutanásia. Pergunto-lhe então se depôs no julgamento de Nuremberga.

— Testemunhar? E acerca de quê, meu Deus? — responde-me num sobressalto, com ar surpreendido. — Os juízes de Nuremberga não falavam senão de responsabilidades diretas ou indiretas... Eu falo de motivações... A eles não lhes interessava ouvir senão depoimentos acerca dos atos, dos factos, das datas, das experiências nazis... Eu interpreto, tento compreender a personalidade de um amigo, um universo...

»Depois de 1934, Brandt desaparece totalmente da minha vida. Eu sou mé-

dico e cirurgião de bairro em Hamburgo; ele torna-se médico da confiança do Führer. Eu continuo um obscuro funcionário; ele torna-se uma das primeiras personagens do III Reich... Que poderia eu testemunhar?... — Aqui a voz hesita. Darnhoff parece de repente perturbado. — E depois...

»E depois — prossegue — Karl Brandt foi julgado como criminoso de guerra em Nuremberga... Dizem que “provas irrefutáveis” o perderam. Mas eu sei que, depois da sentença de Nuremberga, que o condenou à pena capital, os próprios Americanos tudo fizeram para obter o perdão. Infelizmente, a ordem de execução chegou ao comando militar antes que as autoridades centrais tivessem podido finalmente chegar a uma decisão em Washington... Quando o soube... eu... eu fiquei transtornado. Não compreendi. Mas o que hoje digo com firmeza já Karl Brandt o afirmou antes de mim, nas suas últimas palavras: “O pretenso julgamento por um tribunal militar americano é a expressão formal de um ato de vingança política.”

Darnhoff cala-se bruscamente. O tom exacerbado das suas últimas palavras não chega a surpreender-me. Já sabia, quando resolvi vir ouvi-lo, que ele desaprovava totalmente o julgamento de Nuremberga, no que dizia respeito a Karl Brandt.

Sonhador agora, o velho médico parece responder a si próprio. Não ousou interrompê-lo.

O RIBOMBAR SINISTRO DAS FORTALEZAS VOADORAS

— Só o voltei a ver apenas uma vez, no dia 15 de julho de 1944. Aqui mesmo em Hamburgo, depois de uns *raids* aéreos particularmente mortíferos.

Nesse dia, as sirenas de alerta de Hamburgo avisaram a população civil com meia hora de atraso. Enlouquecidas, as pessoas correm para as centenas de abrigos subterrâneos da cidade. Um quarto de hora mais tarde, o ribombar surdo dos bombardeiros aliados anuncia os *raids* mais mortais que a Alemanha do Norte conhecerá...

Os estaleiros navais são destruídos em setenta por cento, complexo siderúrgico e industrial em oitenta por cento. O centro da cidade, os bairros residenciais, os hospitais, as escolas são bombardeados durante três horas sem interrupção.

O ribombar sinistro das «fortalezas voadoras» calou-se no céu, para o qual se erguem as chamas do braseiro.

... Um homem de uniforme tenta dominar o pânico. A organização dos socorros naquele que foi o maior porto da Alemanha hitleriana será obra sua. Esse homem é Karl Brandt.

Numa extensão de quilómetros quadrados, batida pelas bombas incendiárias de fósforo, a cidade arde, o betume começa a fundir-se e tapa os orifícios de ventilação dos abrigos. Milhares de mortos por asfixia, milhares de feridos, dezenas de milhares sem abrigo. O silvo das sirenas das ambulâncias e das vedetas da polícia marítima não vai parar durante vários dias. Todos os que ainda são válidos em Hamburgo — médicos, enfermeiros, soldados, civis desvairados — obedecem às ordens precisas e eficazes do médico de escolta do Führer.

O homem que organiza por entre os escombros a retirada dos feridos acaba de ser nomeado por Hitler para assumir as mais altas responsabilidades do Estado no domínio da saúde. Em Nuremberga, declarará:

— Naquele cargo, eu representava a mais alta autoridade do Reich. Aquele decreto dava-me os meios para executar as minhas funções de coordenação e para emitir diretivas. Posso citar, como exemplo, a retirada por via aérea dos feridos, os comboios sanitários, a colaboração com a indústria, a criação de novos hospitais onde outros tinham sido destruídos, a tarefa de cuidar das cidades mais bombardeadas da Alemanha Ocidental...

Ouçó Darnhoff murmurar:

— E, sem dúvida, outras questões de saúde mais temíveis... Nesse dia 15 de julho de 1944, Brandt, em visita de inspeção no Norte, assiste ao colapso completo, à total falta de organização dos serviços de transporte dependentes da polícia local. Precisar-se-á de várias horas para encontrar o chefe da Polícia, o qual, ausente, não havia deixado qualquer instrução!

«A TI CABERÁ A MELHOR SORTE»

O velho enterrou-se um pouco mais no seu cadeirão. Os anos não apagaram o drama vivido pelo homem e pelo médico. Prossegue numa voz rouca, com as mãos agitadas por uma ligeira tremura:

— Karl Brandt veio ver-me a minha casa na noite desse dia infernal... Eu próprio estava esgotado... Ele parecia envelhecido: mal consegui reconhecê-lo... As feições vincadas... de fadiga, certamente. Mas parecia muito cansado... psicologicamente. Eu teria gostado de falar com ele acerca daquilo que tínhamos vivido em comum, daquele medo que me invadia em relação ao futuro. Mas ele falou pouco. Na verdade não dissemos um ao outro senão banalidades. Os seus pensamentos pareciam longe... E eu não ousei fazer-lhe muitas perguntas acerca das suas novas responsabilidades, sobre o que ele devia saber do Estado-Maior-General da Alemanha. Ele não estava só... era acompanhado por oficiais. Ninguém,

na realidade, se atrevia a falar, como se o nosso silêncio naquela cidade, onde o sofrimento estava por todo o lado, pudesse conjurar a catástrofe.

»Levantou-se e eu senti pena por vê-lo partir. Apertou-me longamente a mão, com uma emoção que lhe não conhecia. Voltou-se na soleira da porta e disse-me:

»— Heinrich, de nós os dois, será a ti que caberá a melhor sorte...

»Devo ter ficado com um ar estupefacto, pois ele acrescentou precipitadamente:

»— Quanto a mim... não lamento nada... aconteça o que acontecer, sabes!... O que fiz devia tê-lo feito... O nosso povo e o nosso Führer sabem-no e eu ser-lhes-ei fiel até ao fim.

»Depois, calou-se, visivelmente emocionado. Não soube o que lhe responder. Apertámos a mão uma última vez. O seu carro e a sua escolta desapareceram nas ruas destruídas. Não voltaria a vê-lo.

Da cozinha chegam-nos ruídos familiares de louça. Darnhoff suspira. O presente instala-se de novo entre nós.

O almoço, tomado em comum na vasta sala de jantar, permite-nos retomar mais serenamente a nossa conversa. Darnhoff mostra-me uma carta que recebeu de Brandt, datada de 16 de dezembro de 1931. Esta carta parece provar que foi mesmo durante a sua estada em Bochum que ele aderiu incondicionalmente às ideias nacionais-socialistas.

O ANO NEGRO DE 1931 OU O DESPERTAR PARA A POLÍTICA

«O Natal aproxima-se, Heinrich. (...) Já não suporto o olhar das pessoas nas ruas. (...) Por todo o lado há uma negra miséria. (...) Bichas de pessoas à porta das fábricas, à porta dos armazéns. (...) À porta das igrejas. (...) Tenho participado em reuniões do Partido Nacional-Socialista. Estou em contacto com um grupo interessante. (...) É preciso que se faça qualquer coisa. A Alemanha está prestes a explodir. (...) Tem havido discussões muito violentas entre nacionais-socialistas e comunistas. (...) Estes são loucos. (...) Eles querem aliar-se, como durante a guerra, com os nossos piores inimigos. (...) E os nossos burgueses são quase todos judeus. (...) Não estou de acordo! (...) E a França, que durante todo este tempo continua a ocupar a Alsácia...»

Com efeito, a época em que esta carta se insere foi a mais negra da história da Alemanha. Mesmo depois da capitulação incondicional de 1945, a Alemanha não conhecerá uma tamanha miséria. Basta pensarmos que aquela foi a época em que o marco não tinha nenhuma cotação. Os historiadores registaram a anedota da malinha cheia de notas para ir comprar um pão. Essa anedota é exata.

Em setembro de 1930, em que os nacionais-socialistas obtêm dezoito por cento dos votos, até às eleições de 1932, em que fazem eleger duzentos e trinta deputados para o Reichstag, a crise agrava-se. O número dos desempregados atinge os sete milhões, a moeda afunda-se. O espectro da fome e da miséria ameaça a Alemanha. A crise mundial repercute-se duramente neste país ainda traumatizado por uma derrota que não aceitou. E a dívida de guerra ainda não foi saldada. Nunca o virá a ser.

Os bodes expiatórios, habilmente denunciados pela propaganda nacional-socialista, não faltam: os políticos traidores, os comunistas e os judeus.

Em janeiro de 1932, no meio da atmosfera tensa de uma reunião do Partido Nazi, onde se acotovelam desempregados, ideólogos e homens de ação, Karl Brandt decide aderir. Os discursos inflamados contra aqueles «que assassinaram a Alemanha» são entrecortados por promessas aos Alemães, povo de senhores. Ele, jovem cirurgião, vive no hospital, quotidianamente, no meio da miséria e da desgraça. Nas ruas, passa pelas longas bichas de espera à porta dos armazéns. Não renegará jamais aquilo que julgou então ser a voz da salvação. Afirmará perante o tribunal de Nuremberga:

— Em 1932, aderi ao partido por razões sociais. Era, nessa altura, assistente de cirurgia no Ruhr, onde o desemprego e a insegurança eram muito grandes.

Nessa mesma época, Brandt torna-se igualmente membro da Liga Nacional-Socialista dos Médicos. Porá, no entanto, para isso, uma condição de pesadas consequências: a de não exercer qualquer atividade nem nas SS, nem nas SA. Alguns anos mais tarde, o médico nazi Conti, um dos seus mais acérrimos inimigos, e Bormann, a eminência parda do regime, irão servir-se desta sua condição para o desconsiderarem aos olhos de Hitler.

O ACIDENTE DO DESTINO

Retomando o curso da nossa conversa, pergunto ao velho médico como é que Karl Brandt se tornou médico pessoal de Hitler.

— O acaso é uma coisa estranha. Tudo começou com um acidente — murmura Darnhoff.

No dia 10 de Junho de 1933, os *Mercedes* pretos do Führer atravessam a toda a velocidade a paisagem alemã. Hitler e a sua comitiva acabam de deixar Berchtesgaden, a caminho de Berlim. O novo chanceler do Reich está com pressa. Deu ordens para que se poupasse tempo. A sua sobrinha, que faz parte da comitiva, segue com os seus amigos na segunda viatura, conduzida pelo ajudante de campo do Führer: William Brüchner.



Sem ser ministro da Saúde Pública, Karl Brandt, plenipotenciário de Hitler para a Saúde, detinha a autoridade médica suprema no III Reich. A sua condenação à morte e execução levantaram vivos protestos, mesmo entre os Aliados.
(C. D. Judaica Contemporânea)

Dois oficiais do Estado-Maior fecham o cortejo na terceira viatura, acompanhados por Karl Brandt e pela noiva deste, Annie Reborn...

Com efeito, um ano antes, em 1932, Annie Reborn, campeã do mundo de natação e amiga pessoal de Hitler, que a admirava pela sua beleza e pela sua firmeza de caráter, tinha-lhe apresentado o seu noivo, ainda um jovem assistente de cirurgia em Bochum. Desde então, os dois jovens participavam com bastante frequência nas deslocações privadas e nos serões íntimos do novo chefe do Estado...

De súbito, à saída de Reit-im-Winkel, a viatura de Brüchner derrapa. Um pneu da frente acaba de rebentar. A golpes de volante, o condutor tenta dominar o carro, mas este, desgovernado, sobe um talude, rola alguns instantes sobre as ervas e fica em desequilíbrio à beira de um barranco. Os dois outros *Mercedes* travam bruscamente. As portas abrem-se num rompante. Todos se precipitam para a viatura sinistrada. Ouve-se a voz inquieta de Hitler gritar o nome da sobrinha:

— Frehel! Frehel!...

O infeliz Brüchner, meio inconsciente, está dobrado sobre o volante. Sangra da orelha esquerda.

— Atenção! — grita Brandt, aproximando-se. — Não o tirem assim. Deve ter uma fratura do crânio.

Enquanto Hitler, o seu motorista e Annie Reborn se ocupam da jovem Frehel, ligeiramente contundida, e dos seus amigos, Brandt, auxiliado por um dos oficiais, estende com todas as precauções o ajudante de campo em decúbito dorsal. O outro oficial partiu rapidamente em busca de socorros.

No hospital de Traunstein, a vila mais próxima, Karl Brandt procederá ele próprio à operação. O pessoal, impressionado pela chegada de tantas personagens importantes, dá-lhe um apoio sem reservas. Ao fim de duas horas e meia de intervenção, Brandt sairá esgotado, mas tranquilo, do bloco operatório. Brüchner está salvo.

Hitler está lá. Espera o jovem cirurgião. Não tinha querido ir-se embora.

— Karl Brandt — dir-lhe-á, apertando-lhe a mão —, felicito-o. Acaba de dar o exemplo de um completo domínio de si próprio e de uma grande eficiência. Além disso, provou-me que é um excelente cirurgião. Quero tê-lo, de hoje em diante, ao meu lado, de cada vez que tiver de me deslocar. Será o meu médico de escolta.

Depois, num tom menos solene, acrescenta, sorrindo:

— Com um especialista do crânio e da coluna vertebral, não me arrisco a mais do que uma perna partida, não é? Peço-lhe, portanto, que fique com o meu fiel Brüchner até ao seu total restabelecimento.

Karl Brandt fica totalmente conquistado pelo calor com que o Führer lhe

testemunha a sua admiração. Nesse dia, o seu destino fica definitivamente traçado. Entre Schweitzer, o médico dos ignorados, e Hitler, o futuro exterminador dos fracos, os dados fizeram a sua escolha. Influenciável, em busca de um modelo, Brandt sofrerá a influência da força do chefe como se aceitam as evidências: cegamente.

A sua vida pertencerá doravante ao Führer. Acaba de encontrar o seu modelo e o seu guia. Tem vinte e nove anos.

ASCENSÃO CIENTÍFICA

Darnhoff prossegue:

— No outono de 1933, Brandt volta a Bochum. Achei-o mudado. O seu encontro com Hitler, no momento do acidente de Brüchner, tinha-o transformado completamente. Animava-o um novo sentimento de segurança. Totalmente seguro do seu futuro, profundamente confiante naquele «que ia restituir à Alemanha a sua dignidade e a sua soberania», decidido, mais do que nunca, a prosseguir a sua carreira científica e cirúrgica, lançou-se de novo ao trabalho com um ardor e um fulgor que me impressionaram.

»É nessa altura que começa a escrever, de colaboração com o professor Magnus, um certo número de artigos de valor incontestável sobre as fraturas do crânio e as lesões da coluna vertebral.

»Brandt estava em vias de se tornar não apenas um dos maiores cirurgiões do Reich, mas também um dos mais esclarecidos teóricos da medicina.

»... Sentia-me muito orgulhoso de ser seu amigo... Ele acabava de casar com Annie Rebhorn e eu passava muito frequentemente longos serões em sua casa a conversar e a ouvir música, pois os Brandt gostavam muito de música clássica... Eram ambos extremamente cultos. Isso foi, em minha opinião, uma das causas da futura inveja dos Himmler e dos Conti em relação aos Brandt...

»Lembro-me de uma discussão que tivemos uma noite no agradável salão dos Brandt. Ele disse-me uma coisa que me chocou. De futuro, ao longo das suas desavenças com a camarilha política de Hitler, haveria de me recordar muitas vezes das suas palavras:

»— Sabes, Heinrich — disse-me ele —, tenta-se muito fazer prevalecer a política na universidade. Não se dão conta de que a ciência e a investigação nada têm que ver com ela.

»Defendeu sempre a autonomia da ciência perante os membros do partido. Vi-o muitas vezes ter violentas discussões por causa disto... Sabe, certamente, que ele se opôs, em 1944, ao encerramento das universidades... Como terá ele

podido conciliar esta ideia com as diretivas de Hitler? Não o sei... Mas Brandt era demasiado íntegro para aceitar uma decisão qualquer do Führer a esse respeito... Não, creio que Hitler apenas lhe confiava missões estritamente médicas... Para os “assuntos escuros” Himmler e o médico nazi Conti estavam lá.

»Esta conversa verificou-se algum tempo antes de Brandt partir, para se instalar definitivamente em Berlim, na companhia do professor Magnus e do professor Rostock... em 1934. Nesse mesmo ano regressei a Hamburgo. Recebia frequentemente notícias dele. Não voltei a vê-lo senão uma vez em 1944. Já lhe falei disso. Escreveu-me a dizer que tinha ingressado no Estado-Maior de Hitler. Que, além disso, trabalhava com as maiores sumidades médicas: Lexer, Von Muller, Hiess. Não contava absolutamente nada abandonar o seu trabalho na policlínica de Berlim...

Depois do café, o calor provocado pela *Steinhäger* entorpeceu-nos um pouco. Mais descontraído do que no início da nossa entrevista, Darnhoff parece mesmo começar a sentir prazer na sua narrativa.

«CHAME BRANDT IMEDIATAMENTE!»

Em 1934, pouco antes de deixar Bochum, Brandt aguarda notícias de Berlim, para depois aceitar as diferentes propostas que lhe eram feitas.

Entretanto, em Berlim, Hitler debate-se entre uma oposição de esquerda que reprime selvaticamente e as necessidades da reconstrução da economia alemã. Teria ele esquecido o jovem cirurgião que salvara a vida do seu ajudante de campo? Talvez. Mas Brüchner, esse, não o esqueceu.

Num dia de junho de 1934, no seu gabinete da Chancelaria, Hitler faz os preparativos para o encontro que iria ter com Mussolini, em Veneza. Desde a véspera que se sucedem as reuniões com Goebbels e Goering. Este primeiro encontro com o Duce, o «irmão fascista», é preparado minuciosamente. Hitler rejubila com o golpe vibrado aos Franceses e aos Ingleses... Mas, em privado, diante de Brüchner, inquieta-se com a possibilidade de um atentado. O de Munique não está longe...

— Meu Führer — responde o ajudante de campo —, é preciso formar uma comitiva de confiança. Permitti-me que nomeie Karl Brandt para vos acompanhar como médico pessoal.

Hitler bate na testa, exclamando:

— É isso, chame Brandt imediatamente. Diga-lhe que vá ter connosco a Munique. Também lhe pode dizer que eu quero que passe a estar presente aqui em Berlim, junto de mim.

Brüchner precipita-se imediatamente para o telefone:

— Brandt? Aqui Brüchner. Estou a falar-lhe da Chancelaria do Reich. Dirija-se a Munique. Juntar-se-á à comitiva que acompanha o nosso Führer a Veneza... Não... Não me agradeça... Devo-lhe uma santa cicatriz na cabeça!...

O ancião, ao meu lado, acende um cigarro. Pela janela embaciada, olha a charneca, cuja extensão monótona se confunde com o cinzento do céu.

— Sabe, depois da sua viagem a Veneza, só voltei a ver Karl Brandt mais duas ou três vezes. Ele andava de um lado para o outro e sentia-se muito preocupado com as suas novas funções, de cuja importância estava consciente. Mas falou-me demoradamente do que tinha sido para ele aquele primeiro contacto com a vida política do Führer.

O DIA SEGUINTE AO CONCERTO NO PALÁCIO DOS DOGES

Os ditadores nem sempre se entendem entre eles...

Dia 14 de junho de 1934. Sob as asas do avião em que Hitler e a sua comitiva viajam começa a desenhar-se a lagoa de Veneza. A prestigiosa cidade parece aguardar.

Uma última viragem, um último solavanco, o aparelho rola sobre a pista do Aeroporto de San Nicolo. São duas horas.

Mussolini, em uniforme de gala, espera o seu convidado. Hitler, enfiado num longo impermeável amarelo, de chapéu de feltro castanho na mão, dirige-se com a sua comitiva para uma lancha a motor. A receção foi breve.

Por todo o lado, soam à passagem dos dois ditadores, os gritos de «Duce, Duce!». A multidão de Veneza está em delírio. Mussolini, radiante, acena com a mão. Hitler, grave, nada diz. Karl Brandt, sentado ao lado do chefe SS Sepp Dietrich, ouve, sonhador, as aclamações populares. Pensa, sem dúvida, no que será a Alemanha quando o nacional-socialismo dispuser de tempo para realizar a sua obra. Mussolini, esse está no poder há já doze anos!

O Duce recebe os alemães como grande senhor. Utiliza ao máximo, para este encontro, que deseja histórico, todo o fausto de Veneza.

No dia 14 de junho, às treze horas, oferece um almoço na *villa* real de Sta, onde outrora esteve instalado Napoleão.

À noite, há um concerto numa das sumptuosas salas do Palácio dos Doges. As aclamações da multidão e os gritos de «Duce, Duce!» não deixam ouvir uma única nota!

No dia 15 de junho, Hitler e Mussolini têm um frente a frente no campo de golfe dos Alberoni. Os dois homens levantam a voz um para o outro.

À noite, Hitler oferece um jantar, seguido de baile. O Führer está enervado. Aproxima-se de Brandt e ironiza, imitando o sotaque italiano: «*Duce, Duce!* É preciso que os Italianos aprendam a contar com a realidade da Alemanha!» Karl Brandt, que compreendeu, responde sorrindo: «O nacional-socialismo ainda é jovem, meu Führer. Havemos de convidar um dia Mussolini a visitar a Alemanha, e mostrar-lhe-emos a nossa obra.» Hitler aquiesce e acrescenta, martelando as palavras: «O povo alemão tem um destino que será realizado, aconteça o que acontecer...»

O encontro de Hitler com Mussolini, em Munique, em 1937, virá dar razão a Brandt. Nessa altura, os papéis ter-se-ão efetivamente invertido.

O UNIFORME SS: UMA OBRIGAÇÃO MORAL E UM ORGULHO

Intrigado pelas relações de Brandt com as SS, peço a Darnhoff que me diga o que sabe a esse respeito...

— Como todos os jovens alemães que gravitavam à volta de Hitler — respondo-me ele —, Brandt virá bem depressa a admitir sem reservas que seja considerado uma honra o facto de pertencer às SA e, depois, às SS. Ao aderir à Liga Nacional-Socialista dos Médicos, tinha-se inicialmente recusado a exercer qualquer atividade nas SA e nas SS, talvez então por simples questão de economia de tempo e porque a sua adesão se fundamentava de início nas «razões sociais» de que falava. Mas, independentemente da hostilidade que votava a Himmler, declarará em Nuremberga, numa altura em que todo o mundo condenava as forças de escol nazis:

»— Nunca considere as SS um grupo de homens reunidos para o cometimento de crimes, sobretudo as *Waffen* SS. Quando penso nos jovens oficiais da *Waffen* SS que serviam no quartel-general de Hitler como oficiais às ordens, lembro-me de que três foram mortos e o quarto ferido. De modo que, quando envergo este uniforme, é sempre com o sentimento de uma obrigação moral especial com orgulho.

»Esta frase — prossegue Darnhoff — é característica de Karl Brandt. Mesmo acusado de ter encoberto os piores crimes, nunca negará o passado. Alguns falarão de uma obstinação a raiar a inépcia. Eu direi antes que se tratou da lógica e do rigor de um espírito fiel às suas convicções e àquele que as encarnava...

»Sei que, depois da sua viagem a Veneza, foi transferido para as SS e que, durante a guerra, esteve adido ao quartel-general de Hitler desde 1940 e, depois nas *Waffen* SS, sem exercer funções de chefia, nem comandar unidades, a seu

pedido. Continuava no Exército; mas, bem entendido, as suas atividades eram unicamente médicas e cirúrgicas. Salvo quando tinha de se ocupar da coordenação e execução do conjunto de medidas médicas exigidas pela guerra. Em 1943, possuía a graduação honorífica de general-médico no Exército e nas SS, o que demonstra a excepcional admiração que Hitler lhe votava.

»Por outro lado, se respeitava os combatentes das *Waffen SS*, as suas relações com Himmler eram das mais tensas. Penso que Himmler não gostava mesmo nada da presença do jovem médico junto de Hitler. Há quem pense que foi ele quem, indiretamente, enviou a Hitler o famoso doutor Morell, por intermédio do fotógrafo do Führer, a fim de suplantar o jovem Brandt. De qualquer modo, se esta suposição foi verdadeira, deve ter-se arrependido depois profundamente, pois, em matéria de intrigas, o senhor Morell provocou muitas... E, entre outras, contra o próprio Himmler!

PRIMEIRA MISSÃO E ASCENSÃO DO CHARLATANISMO

»Lembro-me de um outro facto, relativamente importante, segundo penso, nesta evocação de um amigo que aqui estou a fazer para si. Contou-mo numa das suas cartas datadas de 1936:

»No dia 2 de abril de 1936, o doutor Brandt apresenta-se na Chancelaria. Fora convocado nessa manhã por Hitler. Os rostos por que passa estão impassíveis. O oficial às ordens que o introduz saúda-o sem uma palavra. O médico franze o sobrolho. A atmosfera parece-lhe tensa. Sentado por detrás da sua secretária, Hitler escreve com rapidez, como é seu hábito. Brandt, silencioso, espera. O Führer levanta finalmente os olhos, fica um bocado pensativo e, depois, fala rapidamente:

»— Brandt, preciso da sua competência. Por intermédio do marechal Goering, acabam de me comunicar a notícia de que um tal Von Brehmer, de Nuremberga, teria descoberto a origem do cancro. Está ao corrente disso?

»Com o olhar azul fixo, Brandt, momentaneamente desconcertado, responde:

»— Não, meu Führer, ignorava-o...

»— A história é capaz de ser falsa — murmura Hitler — mas... Mas, se for verdadeira, a descoberta é de capital importância para a Alemanha! Quero saber exatamente de que se trata, cientificamente... Se esse Brehmer descobriu alguma coisa, mostraremos ao mundo aquilo de que a Alemanha é capaz, sob a égide do nacional-socialismo!

»Brandt vê Hitler entusiasmar-se. A sua experiência de médico e o que sabe

da ascensão do charlatanismo aconselham-lhe prudência. Sem lhe dar tempo para responder, Hitler aproxima-se dele:

»— Vá averiguar *in loco*. Quero que, o mais tardar daqui a um mês, este assunto esteja esclarecido.

»Karl Brandt voa para Nuremberga. Von Brehmer é um charlatão. Conseguiu conquistar o apoio de Goering, mas as suas descobertas são uma vigarice pura e simples. Faz fotografar seios de mulher afetados de tumor canceroso e publica as fotografias com a legenda: ANTES; seguidamente, utiliza fotografias de outros órgãos sãos, que publica com a indicação: DEPOIS.

»Brandt, arrebatado, denuncia categoricamente a fraude. Entretanto, o ideólogo Streicher publica artigos ditirâmbicos acerca de Von Brehmer.

»Brandt é praticamente proibido de permanecer em Nuremberga. Acaba por se ver aconselhado pelo chefe da polícia da cidade a nunca mais ali pôr os pés! Hitler, a quem Brandt apresenta o seu relatório, diz-lhe, num aparte:

»— Não vá a Nuremberga sem mim...

»O Führer faz acompanhar este conselho de uma palmada amigável. Mas o mal parece profundo. Quem, de futuro, levará a melhor? Os charlatães ou os médicos?

Ao evocar este preocupante facto, o doutor Darnhoff tem um gesto cansado.

— Talvez possamos hoje dizer, em resposta a estas perguntas, que a medicina nacional-socialista, devido à orientação que tomou a partir de 1925, possuía em germe a planta daninha do charlatanismo, que tão bem floriu depois... E que quase teria destruído a universidade, se não fosse a enérgica oposição de homens como Karl Brandt!

COMO «FILHO ADOTIVO»

Era tarde. O crepúsculo mergulhava a charneca na penumbra. Compreendi que a nossa entrevista estava a chegar ao fim.

Uma questão preocupava-me desde há muito tempo. Pedi ao velho médico que me dissesse o que pensava da natureza das relações entre Hitler e Karl Brandt. Sorriu e fez um gesto vivo com a mão:

— Vou responder-lhe com uma anedota. Albert Speer, que foi um dos seus mais íntimos amigos, conta nas suas *Memórias* que Brandt fez um dia rir muito Hitler, à custa de Molotov e da sua comitiva, que vieram a Berlim em 1940. Com efeito, os russos mandavam ferver todos os pratos e talheres de que se serviam, com medo dos micróbios... Este pormenor chocou-o bastante.

»Brandt via quase quotidianamente Hitler numa atmosfera muito dife-

rente da da cena política. Era um pouco um ambiente de família, compreende...

»Hitler fez dele o seu médico de comitiva, porque ele tinha salvo a vida a Brüchner... Foi uma confiança espontânea... Brandt viveu até 1945 quase como “filho adotivo”, na intimidade do Führer... Porque este, um dia, se lhe sentiu ligado... Impulsivamente... E depois, em 1945, iria condená-lo à morte, persuadido, tão espontaneamente como outrora, de que o seu médico o tinha traído... Esta decisão não será mais refletida do que a outra, e as maquinações dos Bormann e dos Conti farão o resto... É muito estranho. Se Speer não lhe tivesse salvo a vida, trazendo-o para sua casa, Brandt teria sido morto por ordem daquele mesmo que, num dia de 1933, fizera dele um dos seus fiéis mais íntimos durante onze anos. Cinco anos de guerra tinham mudado muitas coisas...



A MEDICINA ALEMÃ: MOLOCH COM PÉS DE BARRO

«Perguntamo-nos muitas vezes de onde vêm todas estas forças demoníacas, estes carneiros e estes criminosos, cuja explosão no seio do nosso povo ninguém, contudo, adivinhava. E, no entanto, estas forças já existiam ali em potência, como a realidade o prova agora. A novidade é que se tornaram visíveis, e que, quando lhes é dado livre curso, muito mal podem fazer aos homens. Esta libertação é obra nossa e nossa culpa comum; ao quebrarmos os nossos próprios laços, provocámos o seu desencadeamento...»

Ernst JUNGER
Diário de Guerra, 11 de abril de 1943.

Na carta que o doutor Conti, presidente da Ordem dos Médicos do Reich, escreveu, antes de se suicidar, ao oficial americano encarregado do seu interrogatório, uma frase é bem suscetível de nos deixar perplexos:

«É muito triste terminar assim uma vida de boas intenções e de fiéis deveres...»

Sem dúvida que parece estarmos a sonhar. Como é que um dos mais altos responsáveis, juntamente com Karl Brandt, pelos serviços de saúde nazis pode estar convencido da sua boa-fé? O paradoxo não é, na realidade, mais do que aparente. A organização da medicina nacional-socialista, que não passou, na maior parte das vezes, de uma indústria da morte, foi fundada sobre princípios claros. A sua intenção primeira, o seu objetivo mais profundo era servir a Raça.

NO PRINCÍPIO ERA A RAÇA...

A existência e a supremacia da raça ariana são, para o nacional-socialismo, um dado fundamental. Não há salvação possível para quem recuse este postulado. Está para além de toda e qualquer reflexão ética. Para os nazis, ele está sempre acima desta...

O professor Gebhardt, brigadeiro das SS, amigo de infância de Himmler, um dos principais réus do tribunal de Nuremberga, comentará:

«Penso poder afirmar que cada moral depende de um princípio filosófico, e cada princípio filosófico depende da sua época, da situação nela vigente e da escala de valores que essa época tenha imposto a si própria...»

Será possível que este médico SS, cuja responsabilidade é tão pesada perante a História, admita o conceito da raça como princípio para a instauração de uma ordem nova? Milhares de médicos nacionais-socialistas acreditaram nisso sinceramente. Que cegueira, que forças os tinham preparado para isso? É o que vamos procurar esclarecer.

Os discursos inflamados dos ideólogos, as demonstrações maciças e teatrais do poderio nacional-socialista encerrá-los-ão neste beco sem saída.

No dia 4 de outubro de 1943, os *Gruppenführer* SS, generais de divisão da Ordem Negra, envergando os seus uniformes, reúnem-se por ordem do seu

chefe, Himmler. Este, em uniforme de gala de *Reichsführer*, sobe à tribuna e profere com voz dura um discurso preparado para galvanizar as suas tropas.

As frases, estereotipadas, sucedem-se, implacáveis e grandiloquentes:

— No dia em que nos tivermos esquecido da lei fundamental da nossa raça, no dia em que tivermos esquecido os princípios sagrados da seleção e da austeridade, nesse dia o germe da morte estará entre nós... Lembremo-nos da nossa divisa: «Sangue, Seleção, Dureza.»

Os *Gruppenführer* SS, cujos homens impuseram o terror, primeiro na Alemanha e depois na Europa, escutam em religioso silêncio o discurso do seu chefe. Entre eles, os médicos: irão ser responsáveis por múltiplas atrocidades.

Mas estes médicos SS não serão, aliás, os únicos a suportar o peso da culpabilidade da medicina nazi. A organização dos médicos civis, a Liga Nacional-Socialista dos Médicos do Reich, presidida, tal como a Ordem dos Médicos, por Leonardo Conti, será, a partir de 1932, mesmo antes da chegada de Hitler ao poder, um dos mais sólidos apoios do novo regime.

O ideal do médico nazi já não é ajudar o homem, mas ajudar a raça eleita, a raça ariana, a dominar as raças ditas inferiores. O juramento de Hipócrates está caduco. No princípio era a raça...

De 1933 a 1945, os médicos nazis, fiéis auxiliares de um regime que lhes dita a conduta a seguir, nunca porão em causa aquilo que consideram ser o seu dever. Os que tentarem resistir serão impiedosamente eliminados.

A OPOSIÇÃO BRANDT-HIMMLER

Karl Brandt é membro do partido e da Liga Nacional-Socialista dos Médicos desde 1932. Viveu a época de violência em que se inseriu a subida ao poder de Hitler como partidário ardente das ideias do novo chefe da Alemanha.

Passa a ser membro das SA em 1934, quando se desenrolam as violências contra os opositores e os não-alemães, e entra nas SS no fim desse mesmo ano.

Lembramo-nos do juramento que prestavam aqueles de quem Hitler e Himmler fizeram os cães de fila da sua época louca:

«Ser absolutamente fiel, aconteça o que acontecer... Obedecer de maneira absoluta, para ajudar o nosso Führer e a Alemanha.»

Mas Brandt, quando entra nas SA e, depois, nas SS, confirma a condição que havia posto à sua entrada na Liga Nacional-Socialista dos Médicos: não exercer nenhuma atividade nas duas organizações paramilitares nazis. Facto espantoso, que marca incontestavelmente, a partir daí, uma reserva, um desejo de independência que não é, certamente, do gosto de Himmler, como já dis-

semos. Esse facto não impedirá Brandt, apesar de tudo, de terminar a guerra com o posto de general-médico SS.

Num dia de 1936, no terraço de Berghof, residência de Hitler nos Alpes bávaros, Himmler interpela o SS pouco ortodoxo e privilegiado que é o médico pessoal do Führer:

— Sempre à civil, doutor Brandt... Por acaso tem alguns escrúpulos em vestir o uniforme negro?

— Absolutamente nenhuns, *Reichsführer*. Sinto-me muito orgulhoso desse uniforme, que envergo muitas vezes, mas neste momento considero-me médico de escolta do Führer — responde Brandt com vivacidade.

Himmler ainda não está satisfeito e segura-o pela manga.

— Em que é que isso é contraditório com o pertencer às SS, doutor Brandt?

— Não há nenhuma contradição, *Reichsführer*, mas sou médico e visto-me como tal...

— Mas, primeiro que tudo, é oficial, *Sturmabannführer* SS, doutor Brandt — resmungava Himmler, cujo olhar endurece. — Um médico SS é, antes do mais, um soldado ao serviço da Alemanha e do Führer...

Brandt conhece já há muito tempo as ideias de Himmler acerca do papel dos médicos. E o *Reichsführer* desconfia, por princípio, de tudo o que possa ser um entrave à disciplina de ferro que quer impor às suas tropas. É impossível evitar o confronto. Também Brandt responde com uma voz firme, sem hesitação:

— Não sou da sua opinião, *Reichsführer*. Eu sou primeiro que tudo médico, e, como todos os membros da Liga Nacional-Socialista dos Médicos, estou decidido a defender o ideal da Alemanha nova.

— É bem melhor que o faça, doutor Brandt — responde Himmler com tom azedo —, pois não poderíamos tolerar, e com mais razão ainda dentro das fileiras das SS, que alguém se opusesse ao nosso Führer...

— Não será exatamente o meu caso... — assegura Brandt, sorrindo, enquanto Himmler se afasta com ar irritado.

À noite, Hitler fingirá não se aperceber da hostilidade latente que separa os dois homens. O seu jogo não consiste exatamente em tolerar as escaramuças que opõem os seus «barões», a fim de melhor os dominar?

Entre Himmler e Brandt o desacordo é, na verdade, profundo. Himmler providenciará que todas as altas responsabilidades que Hitler irá confiar, daí em diante, a Brandt nada tenham que ver com as SS, das quais quer ser senhor absoluto.

A guerra e os gigantescos esforços que irá impor aos diferentes serviços de saúde do Reich mais não farão do que agravar o desacordo.

O *Reichsführer* via no SS indisciplinado um íntimo inquietante de Hitler,

chegado a esse posto por vias não políticas. Quanto a Brandt, considerava que o *Reichsführer* era um homem de cultura medíocre, a quem uma obscura consciência da sua inferioridade o levava a hostilizar os sábios e a medicina em geral.

Este era apenas, aliás, um dos muitos casos de intrigas — de rivalidades que constituíram o pão de cada dia nas esferas dirigentes do nacional-socialismo...

O «POGROM»² MÉDICO DO DIA 1 DE ABRIL

Voltemos a 1933. Em Berlim, dois meses depois da nomeação de Hitler para o cargo de chanceler, a Liga Nacional-Socialista dos Médicos passa à ação. A propaganda antisemita desencadeia-se entre os médicos. Expulsar o judeu da profissão médica é apresentado como uma necessidade de salvação pública. No dia 1 de abril de 1933, a partir da alvorada, os membros da Liga dos Médicos penetram nas casas dos seus colegas judeus. Insultam-nos, espancam-nos diante das famílias aterrorizadas, depois conduzem-nos para junto do Parque das Exposições. Lamentáveis cortejos atravessam a cidade. Uma parte da população, despertada pelos queixumes das vítimas e pelos insultos dos seus torcionários, aprova e participa. Os que não concordam calam-se. O reino de terror começa. Irá durar doze anos. Uns entusiasmados, outros assustados, todos compreendem que o dia que nasce em Berlim marca o início de uma nova era: a do antisemitismo, da tortura, da morte.

A adesão ao *pogrom* dos médicos partidários do novo regime dá-se em avalanche generalizada. Obrigam as suas vítimas, sem ter sequer em consideração a avançada idade de muitas delas, a correr em redor do parque, enquanto lhes batem brutalmente. Os médicos judeus são depois amontoados no local, como gado, e ali ficam horas a fio, sem cuidados nem comida. Não contentes com terem dado este triste espetáculo, os médicos da Liga entregam depois grande número dos seus colegas judeus nas mãos das SS. Os judeus são levados para as caves da prisão de Medemannstrasse, que se tornará, durante o período hitleriano, no principal reduto da tortura berlinense.

Alguns puderam regressar às suas casas ainda no mesmo dia, mas passam a sofrer a ação dos piquetes das SA e das SS, que começam a impedir os seus doentes de os irem consultar.

No dia seguinte, o boicote é levantado.

Mas pouco importa a duração da trégua outorgada pelo novo regime. O destino dos médicos judeus do Reich está traçado.

² Palavra que designava as perseguições movidas contra os judeus na Rússia czarista. Por extensão, aplica-se a qualquer ação de repressão ou extermínio contra um grupo, classe ou etnia. (*N. do E.*)

As perseguições antisemitas, que se repetirão até se tornarem num plano sistemático de extermínio, mais não são do que um sinal precursor: os torcionários estão decididos a construir o futuro, a grandeza da nação alemã, e a Liga Nacional-Socialista dos Médicos invocará incansavelmente este «argumento» de propaganda.

Pouco a pouco, a sua ação abrange todo o corpo médico. Os médicos judeus têm de deixar de exercer a sua atividade. Doravante, passará a ser impossível terminar os estudos e, depois, exercer sem aderir à Liga.

Alguns extratos da imprensa, relativos aos meses de março a maio de 1933, são particularmente reveladores do estado de espírito que começa a reinar na Alemanha:

«Depois da queixa do comissário do Estado em Berlim acerca da quantidade de judeus nos hospitais da cidade, o novo conselheiro médico, doutor Klein, encarregou-se de examinar a situação no hospital de Moabit.» Seguem-se os nomes de dezoito médicos que devem ser despedidos.

(*Völkischer Beobachter*, 21 de março de 1933.)

«O doutor Lippert tem a intenção de reorganizar os corpos clínicos dos hospitais da cidade. Com este fim, recebemos na sexta-feira uma delegação de comissários municipais. Estes queixaram-se de que, na maior parte dos hospitais da cidade, os médicos que aí fazem serviço são oitenta a noventa por cento e por vezes até cem por cento judeus. O doutor Lippert garantiu-lhes que os contratos de todos esses médicos serão rescindidos logo que possível.»

(*Frankfurter Zeitung*, 18 de maio de 1933.)

E, num jornal de Breslau, em abril de 1933, lia-se:

«Os médicos judeus, assim como a médica judia, doutora Nussbaum, serão expulsos dos serviços encarregados da luta contra as doenças venéreas.»

O «APELO AO CORPO CLÍNICO ALEMÃO»

Percebemo-lo, pela data de um desses artigos da imprensa: o *pogrom* médico de 1 de abril de 1933 fazia parte de uma ofensiva de conjunto. Esse *pogrom* saiu, com efeito, de um solene «apelo ao corpo clínico alemão», datado de 23 de março de 1933, assinado pelo chefe dos médicos do Reich (*Reichsärztführer*), o velho doutor Wagner, que, falecendo em 1939, será substituído pelo seu assistente, Conti, «o político» nazi.

Ficamos convencidos disso quando lemos o seu apelo: «Camaradas! Colegas!

Varram todos os que não querem compreender os sinais dos tempos! (...) Ao longo destas semanas, tem sido com emoção e reconhecimento que nos temos apercebido da consciência que o povo alemão tem de si próprio e do valor do seu sangue!

Em todas as *Länder*, em todos os meios, em todas as profissões, assistimos ao despertar do povo e à rejeição dos erros liberais e estrangeiros. Até agora, contudo, temos ficado de parte.

Poucas profissões participam no futuro e no engrandecimento de uma nação como a profissão médica. Nenhuma se encontra tão judaizada nem tão invadida pelo pensamento estrangeiro. Agregados judeus ocupam como mestres as cátedras de medicina, esterilizam a arte médica e impregnam gerações de jovens médicos de um espírito mecanista.

Há “colegas” judeus que se sentam nos lugares de honra das sociedades e das Ordens dos médicos.

Falsificam a honra médica e destroem sistematicamente a nossa ética.

Há “colegas” judeus que se encontram nos postos-chave da Administração. Devemos-lhes o desenvolvimento sempre crescente de um espírito mercantil indigno da nossa profissão. Por esse meio ganharemos o empobrecimento económico, a queda do nosso crédito junto do povo e uma influência cada vez menor junto do Estado!

Médicos alemães! Nós bem o sabemos: os responsáveis por esta situação são unicamente os estrangeiros que nos têm dirigido... Têm-se oposto a todo e qualquer pensamento alemão no seio dos nossos grupos, mas mostram-se acomodáticos em relação com qualquer proposição marxista e com qualquer medida judaica. E nós temo-lo suportado!

(...) Que o corpo clínico constitua, no meio da Alemanha, um enclave judaico-maçónico, ISSO NÃO PODE ACONTECER! A honra e o sentimento do dever exigem de nós que ponhamos fim a este escândalo!

É por isso que apelamos para todo o corpo clínico alemão.

Limpem a direção das nossas organizações! Varram todos os que não quiserem compreender o novo espírito. Façam com que as nossas equipas sejam, tanto na direção como no espírito, alemãs de novo... Pois queremos colaborar na reconstituição de um novo corpo clínico, para bem do povo e para honra do médico alemão.

Doutor Wagner, 23 de março de 1933.»

Bem se vê: o desejo de um equilíbrio mais natural no corpo clínico alemão, onde os judeus talvez fossem demasiado numerosos, está largamente ultrapassado. A

diferença entre a classe médica nazi de 1933 e os torcionários que virão a ser Mauthausen ou Ravensbrück não é mais do que exatamente uma diferença de grau no erro em que caem. Trata-se, para os médicos da Liga Nacional-Socialista de 1933, tal como para os médicos das futuras experiências humanas, de uma mesma vontade de exclusão sistemática, de imolação, ao serviço do que julgam ser a raça superior.

E ainda nem sequer há dois meses (março de 1933) que Hitler é chanceler do Reich...

Em Kharkov, em abril de 1943, exatamente dez anos mais tarde, Himmler, triunfante, poderá gritar:

«O antissemitismo é como matar pulgas. Livrarmo-nos das pulgas não é uma questão de filosofia. É uma questão de higiene. Em breve estaremos limpos. Não restam mais que umas vinte mil pulgas, e teremos acabado com elas na Alemanha!»

Quantos médicos alemães se tornaram cúmplices deste genocídio? Não nos atrevemos a responder.

NOVO ÊXITO DE KARL BRANDT JUNTO DE HITLER

Maior de 1935. No gabinete da velha Chancelaria, Hitler dá largas à sua fúria. Diante dele, o médico SS doutor Grawitz, em sentido, espera, impassível, o fim da tempestade. Sabe que, naquele assunto, o seu chefe hierárquico, Himmler, lhe dá cobertura total.

De voz enrouquecida, quase irreconhecível, Hitler resmunga:

— Os vossos autoproclamados especialistas das SS não passam de imbecis! Só são bons para diagnosticar as «doenças políticas» dos nossos inimigos! Nunca lhes confiarei os cuidados da minha saúde... Chamem-me o doutor Brandt do Hospital da Caridade...

Desde há alguns meses que uma rouquidão crónica, que vai piorando, inquieta os mais próximos do Führer. Ele próprio, que habitualmente se mostra tão esquivo aos cuidados médicos, se deixou finalmente convencer. A sombra do rei Frederico III, morto com um cancro na garganta, ao fim de cem dias de reinado, ronda a Chancelaria. Hitler não fala noutra coisa há quinze dias...

Procurando aproveitar-se da disposição do Führer, e tentando de novo combater as prerrogativas de que Brandt goza, Himmler envia-lhe o mais graduado especialista SS de doenças de garganta, acompanhado pelo médico SS doutor Grawitz. Hitler aceita deixar-se examinar. Mas o «especialista»

é incapaz de fazer o mínimo diagnóstico, de obter o mais pequeno êxito terapêutico. A tentativa de Himmler falha redondamente. Nunca mais Hitler voltará a escolher para si próprio, quer se trate de clínica geral ou de especialistas, médicos que pertençam em tempo inteiro às SS.

Pelo contrário, a instâncias de Karl Brandt, em quem deposita inteira confiança, aceita submeter-se ao exame clínico do professor Von Eicken, catedrático de Otorrinolaringologia no Hospital da Caridade de Berlim.

Este fará o diagnóstico exato: «Pólipo das cordas vocais. Tumor, totalmente benigno, devido sem dúvida à tendência do Führer para forçar a voz durante os seus discursos.» Este diagnóstico será confirmado pelo professor Barth, diretor do Laboratório do Hospital da Caridade, e pelo professor Rössle, catedrático de Anatomia Patológica no mesmo hospital.

Alguns meses mais tarde, Von Eicken procederá ele próprio à ablação do quisto. Brandt assistiu-lo-á.

Quase afónico mas descontraído, o Führer só insistiu para que a operação se realizasse nos seus aposentos da Chancelaria.

— É inútil, não acha, professor Von Eicken — acrescentou —, que o povo alemão se inquiete com os rumores que nos arriscávamos a fazer circular, se eu fosse operado com grande aparato, numa clínica... E os meus inimigos haviam logo de querer ver-me morto...

Na manhã da operação, Hitler recebeu cordialmente a equipa operatória. O seu gabinete de trabalho foi transformado em sala de operações. Os móveis desapareceram quase todos. Um bloco de urgência, instalado num canto, dá ao conjunto um ar insólito. Alguns instantes antes de ficar inconsciente, sob o efeito da anestesia, Hitler gracejará:

— Professor Von Eicken, espero não lhe servir de cobaia! Se tiver necessidade de alguma, não precisa de se servir de mim, como sabe! As prisões e os campos de concentração contêm condenados à morte bastantes para isso!...

Hitler adormecerá antes de se dar conta dos efeitos que estas suas palavras provocam no velho professor.

Quanto a Karl Brandt, esta frase, que anuncia as tristemente célebres «experiências humanas», voltar-lhe-á ao espírito durante o julgamento de Nuremberga, sem, no entanto, diminuir a sua fé em Hitler...



Como muitos outros dirigentes SS, Victor Brack tudo fez para mobilizar os médicos alemães em prol da vitória alemã. Justifica as atrozes experiências médicas nazis em nome da eficácia.

«Guerra é guerra», dizia ele muitas vezes.

(C. D. Judaica Contemporânea)

A EUROPA NÃO SOUBE LER MEIN KAMPF

A propaganda antissemita e a ideia da raça ariana não são uma descoberta dos próprios médicos nazis, embora eles tenham feito disso um espantoso princípio biológico, que tentarão provar através de estudos antropológicos.

O doutor Klein, em Auschwitz, gostava de dizer: «Um bom médico tira com o bisturi um apêndice cheio de pus, para salvar um homem, não é verdade? Pois bem, os judeus são o apêndice cheio de pus da Europa...»

Mas esta afirmação, espantosa pela boa consciência médica que parece deixar entrever, está conforme com os ensinamentos dos ideólogos que, nos anos que vão de 1920 a 1930, fizeram do antissemitismo irracional uma teoria «científica».

Hitler, em *Mein Kampf*, tinha definido as linhas políticas da luta que o nacional-socialismo devia travar para conseguir alcançar a supremacia da raça eleita, a raça nórdica. A Europa não soube ler *Mein Kampf*. Pagará isso bem caro. Porque os ideólogos apurarão o que em Hitler não passava de brutais proposições de hegemonia.

Virá primeiro Günther e o seu racismo nórdico. O professor Hans F. K. Günther, etnólogo racista, célebre entre 1920 e 1937, tentará estabelecer uma ciência das raças. Para ele, o homem nórdico possui todas as qualidades essenciais do chefe. É ousado, inteligente e enérgico. O poder pertence-lhe, portanto, por direito próprio. Todos os seus abusos são, desde logo, justificados. Basta aceitar o princípio da superioridade, que traz consigo, logicamente, o da dominação. Todo o ser superior que se preocupa com as lamentações do ser inferior declina...

É nesta linha que está escrito o seu desconcertante livro *Ciência da Raça do Povo Judeu*.

Virá também Darre e o seu racismo agrícola.

Darre, ministro da Agricultura e diretor dos Serviços Rácicos das SS, propõe-se obter a seleção das raças segundo os métodos de apuramento da raça dos animais! Longe de representar para os nazis uma regressão, esta proposta tornar-se-á em breve, para grande número de médicos, o caminho luminoso do tratamento racial.

Virá, por fim, Rosenberg, o mais célebre teórico do racismo nacionalista. O seu livro *O Mito do Século XX*, surgido em 1930, será a obra de referência, a Bíblia ideológica do nacional-socialismo. Lançará um *slogan* de uma eficácia temível: «A única fraternidade que une os indivíduos reside na sua oposição comum às outras raças.»

O nazismo saberá criar esta fraternidade entre os seus partidários, face ao inimigo comum. Pois esse é bem o significado inquietante da união que se irá verificar entre os médicos responsáveis do III Reich: o de um combate. Um combate contra o Outro, contra o Estrangeiro, contra o Não-Ariano.

O «VENDEDOR DE ORVIETÃO»

A perversão da ética médica não será, aliás, o único mal de que sofrerá a medicina nazi.

Karl Brandt teve de esclarecer Hitler acerca das mais que duvidosas «descobertas» de Von Brehmer em relação ao cancro. A existência de um charlatão não é, em si, sintoma definitivo de uma medicina doente; mais grave é a proteção que um *Reichsführer* como Himmler deu, sem reservas, a Von Brehmer.

E mais significativa vai ser a presença, como médico pessoal do Führer, de 1936 a 1945, daquele que os médicos americanos batizaram como «vendedor de orvietão»: Theodore Morell.

Este farmacêutico profissional irá impor-se como «médico» dos meios elegantes da capital alemã, apesar da hostilidade e das suspeitas dos mais célebres médicos do Reich. Conseguirá mesmo ter como doentes, além de Hitler, Ribbentrop e Goering. Apenas Goebbels recusará obstinadamente deixar-se observar por ele, e dirá um dia ao príncipe Von Schaumburg-Lippe: «Esse criminoso nunca atravessará o limiar da minha porta.»

O homem é gordo, careca. A pele morena e os olhos pequenos e esquivos, por detrás dos óculos de lentes grossas. Dissimula habilmente a realidade da sua carreira «médica» e apresenta-se como especialista de doenças de pele e dos órgãos genitais. Na realidade, não passa de um charlatão e de um oportunista sem escrúpulos.

Ano de 1936. Hitler sofre há já muito tempo de dores de estômago. O seu fotógrafo pessoal, Heinrich Hoffmann, cliente de Morell, recomenda-lho um dia. Hitler, desconfiado, ouve distraidamente o fotógrafo. Mas as dores aumentam. Hitler não come e queixa-se continuamente:

— Como querem que eu viva com estas dores... Nem consigo digerir.

Um dia, o Führer empurra o prato com um gesto de desespero e, virando-se para Hoffmann, diz-lhe em tom abrupto:

— Mande-me o seu Morell... Veremos se ao menos ele pode fazer alguma coisa.

Até então, Hitler tinha-se recusado terminantemente a deixar-se examinar pelos especialistas de doenças internas que Karl Brandt lhe tinha aconselhado.

Morell, convocado para uma consulta privada e consciente da importância que têm os cuidados reclamados pelo ilustre doente, consegue libertar Hitler, por alguns anos, dos seus problemas estomacais. O Führer rejubila. Este médico, para mais marginal, seduz o autodidata tornado primeira figura do Estado. É o início da mais espantosa confiança jamais depositada por Hitler num elemento da sua camarilha.

Morell, o homem dos medicamentos desconhecidos, dos obscuros trabalhos farmacêuticos, fará, durante nove anos, o Führer ingerir uma impressionante quantidade de drogas. Estas permitiram certamente a Hitler resistir às fadigas excessivas dos anos de guerra, mas, por outro lado, arruinaram definitivamente um organismo já minado por um modo de vida extenuante...

Conti, presidente da Liga Nacional-Socialista dos Médicos, e Brandt, comissário do Reich no fim da guerra, tentarão intervir, evitar esse louco consumo de

produtos tóxicos. Ninguém conseguirá nada. Brandt perderá o título e a função de médico de escolta do Führer. O obscuro «charlatão e canalha típico», segundo as próprias palavras de Conti, será o único homem a quem, de então em diante, Hitler confiará a sua saúde.

Aquele que desconfiava de tudo e de todos e que tinha montado a maior rede de espionagem do mundo, aquele que mandou assassinar, por vezes sem qualquer prova, os seus mais fiéis partidários, só pelo medo de os ver oporem-se-lhe, aceitará, sem nunca os discutir, os cuidados de um desconhecido, do qual se sabia pelo menos uma coisa: não era nacional-socialista.

KARL BRANDT EM CASA DO «VENDEDOR DE ORVIETÃO»

A atmosfera, naquela manhã de 1938, estava pesada. Karl Brandt tinha-se finalmente decidido a ir procurar o incompreensível médico de Hitler, a fim de se inteirar junto dele da saúde do Führer.

O contraste entre os dois homens é espantoso. Brandt, à civil, com ar calmo e decidido, reprime um sorriso. Theodore Morell vestiu o uniforme, que lhe dá um ar de bobo de comédia. O «médico» mundano da Kurfürstendamm apenas tem, na verdade, um único desejo: tornar-se parecido com Goering. E conseguiu-o... Pormenor engraçado; o uniforme de Morell foi desenhado por ele próprio. É um modelo único; é ele o único a usá-lo.

— Doutor Morell — começa Brandt —, o estado de saúde do nosso Führer preocupa-me...

O médico pessoal de Hitler, por um instante desconcertado pelo tom frio do cirurgião, faz girar os seus olhos minúsculos por detrás das lentes. Depois responde com uma voz fina e muito afetada, agitando as mãos gordas:

— Mas, doutor Brandt, o nosso Führer não sofre de nenhuma afeção grave e o tratamento que eu preconizo não pode deixar de o ajudar a livrar-se de um problema estomacal, na verdade benigno. Tem-se exagerado muito a propósito da pretensa doença do Führer, sabe?...

— Não duvido da eficácia dos seus cuidados, doutor Morell — responde Brandt num tom glacial. — Apenas ponho a questão de saber se uns exames mais aprofundados não permitiriam um diagnóstico mais exato...

O médico, desta vez pouco à vontade, responde, com uma voz sempre delicada:

— Pode, com efeito, sugerir isso ao Führer. Mas penso que ele está muito satisfeito com os medicamentos que lhe tenho receitado. Aliás, já se alimenta melhor desde há algum tempo, e sofre menos...

Morell sabe muito bem que a posição privilegiada que ocupa na camarilha de Hitler é instável. Como poderemos acreditar que aceitaria a eventualidade de se ver desacreditado pelo resultado de exames mais aprofundados? Morell é oportunista de mais e médico de menos para se arriscar a semelhante aventura. O humor de Hitler é inconstante. O cliente é vingativo e o médico prudente! — Mas, doutor Morell, eu não ponho em causa a sua competência. Não proponho mais do que pôr à sua disposição os meios técnicos necessários... É acima de tudo a saúde do nosso Führer e o futuro da Alemanha que me interessam — riposta Brandt, furioso por ter de mostrar consideração por aquela caricata figura sentada na sua frente.

— Também eu, doutor Brandt... Também eu... Pode acreditar que estou perfeitamente consciente da importância do papel que o nosso Führer me autoriza a desempenhar junto dele...

O rosto de Brandt endureceu. Aquele curandeiro gordo, no seu ridículo uniforme, exaspera-o.

Pela janela aberta, ouvem-se os ruídos da rua. O poderio do nacional-socialismo será cada vez mais espantoso. Mas o menor atraso provocado na edificação da obra nazi pode ter consequências dramáticas. Hitler é o chefe. Os olhos da Alemanha estão postos nele. A Europa espreita o mais pequeno desfalecimento. No seu gabinete alcatifado, luxuoso, Morell não se mexe. Irá construir uma fortuna com medicamentos de sua invenção. Comercializará de todas as formas a confiança do Führer... E vem-lhe Brandt falar do futuro da Alemanha!

Um fosso intransponível separa os dois homens, que, por motivos diferentes, se preocupam com a saúde de um terceiro homem, através do qual tudo pode acontecer.

O «MESTRE-SERINGADOR DO REID»

— Ouça, doutor Morell, não se trata aqui da lealdade ao nosso Führer, trata-se antes de um problema estritamente médico — continua Brandt, martelando as palavras. — A minha experiência médica, e embora a minha especialidade seja a cirurgia, leva-me a pensar que o Führer devia mandar fazer análises, sob a direção de um especialista de doenças gastrintestinais... É este o fim da minha visita... Que pensa disto?

Surpreendido, Morell não responde imediatamente. Reflete por um momento e depois diz em voz pausada:

— Evidentemente... estou de acordo consigo... Só que o nosso Führer... de-

seja que os seus problemas de saúde se mantenham estritamente confidenciais... Receia que se faça demasiada publicidade.

— Que isso não seja problema — observa Brandt —, podemos fazer rodear a consulta de toda a desejável discricção! O que até já se fez, aquando da sua operação à garganta. Temos médicos que se sabem calar...

— Não me compreendeu muito bem, doutor Brandt — insiste Morell com a mesma voz arrastada. — O Führer é... Como é que lhe hei de explicar?... É alérgico aos exames físicos. Em resumo, não suporta de maneira absolutamente nenhuma ser examinado. Salvo por mim, bem entendido...

A discussão está terminada. «Ainda gostava de saber se tu o examinas realmente», murmura Brandt para consigo.

A oposição entre os dois homens revela-se irreduzível.

Contudo, dois anos mais tarde, Morell virá a propor a Brandt um estranho negócio: ele mandaria para o cirurgião os seus doentes que precisassem de ser operados; em troca, Brandt mandaria para ele todos os operados que precisassem de cuidados clínicos!

A corrente de charlatanismo, onde se misturam curandeiros, iluminados e puros oportunistas, inquietará médicos como Brandt, Rostock, Sauerbruch. O próprio Goering, que era assistido por Morell, viria a tratá-lo por «mestre-seringador do Reich».

Apesar da confiança que Hitler lhe testemunha, Brandt não voltará a poder fazer nada acerca da saúde do Führer. Ei-lo, naquele início de 1938, numa curiosa posição. Íntimo de Hitler, médico de comitiva do Führer desde há cinco anos, vai necessariamente ser chamado a desempenhar um novo papel. A viragem na carreira de Brandt está traçada, irreversível. Alguns anos mais tarde, juntamente com Albert Speer, será convocado por Hitler.

BRANDT TORNA-SE ALTO FUNCIONÁRIO DO ESTADO

Quando Brandt chega junto de Hitler, este está reunido com Speer, discutindo os trabalhos de construção da nova Chancelaria. Speer, o plenipotenciário da construção, o arquiteto a quem Hitler confia todos os grandes trabalhos para glória da nova Alemanha, é amigo de Brandt.

O Führer considera a arquitetura a única arte à medida do Reich. As suas conversas particulares dessa época refletem esta ideia ambiciosa de que «o III Reich será o novo reino da arquitetura monumental. (...) É preciso reconstruir as cidades, abrir horizontes dignos da obra nacional-socialista», gosta ele de repetir. As construções nacionais-socialistas florescerão. O alinhamento dos pilares de

granito, a quantidade de bandeiras vermelhas com a cruz gamada nas portas das imensas avenidas serão testemunhos do sonho nazi, que pretende fazer reviver simultaneamente Micenas, Atenas e Espana.

A decoração, para Hitler, é o campo mágico onde o poder e a força adquirem os seus títulos de nobreza. O Führer vela com extremo cuidado por cada uma das novas obras arquiteturais.

Naquela manhã de outono de 1938, imensas folhas de papel juncam o gabinete de Hitler. De lápis na mão, este retoca os planos que Speer acaba de lhe apresentar. Alguns esboços executados pelo Führer servem, por vezes, de ponto de partida.

Hitler levanta os olhos e, com ar satisfeito, declara:

— Brandt, a nova Chancelaria estará pronta dentro de seis meses.

Sorri. A ideia de um palácio feito segundo os ditames do seu coração, de onde poderá governar a Europa, exerce nele uma particular sedução. Fica alguns instantes com ar sonhador, depois lembra-se repentinamente do motivo da convocatória.

— Brandt, você já fez, creio eu, várias viagens ao estrangeiro, na companhia de um arquiteto, a fim de examinar as instalações hospitalares, não foi?

— Sim, meu Führer, visitei numerosos hospitais e clínicas cirúrgicas — responde Brandt, que não compreende muito bem aonde Hitler quer chegar, e interroga Speer com o olhar. Aparentemente, este de nada sabe.

— Tenho um projeto — exclama Hitler. — É absolutamente necessário construir novas clínicas cirúrgicas. A Alemanha não poderá suportar o mínimo atraso, seja em que domínio for.

O arquiteto e o cirurgião aprovam silenciosamente com a cabeça. Hitler, tão absorto como sempre quando se trata de construir, não dá por nada e prossegue:

— Brandt, encarrego-o, em colaboração com Speer, de elaborar os planos para a construção de novas clínicas cirúrgicas. Pensarão, nomeadamente, na de Berlim. É preciso que a universidade tenha uma clínica adaptada às necessidades da capital. Apresentem-me os planos logo que estejam feitos. Dou a esse projeto uma particular importância.

A reunião está terminada. Hitler aperta a mão aos dois homens, que saem juntos. Brandt compreendeu perfeitamente a mudança de atitude para consigo. O íntimo, o familiar das refeições privadas, um dos raros homens que, na companhia da mulher, participavam nos serões em que Eva Braun estava presente, passará daqui em diante a estar encarregado de uma missão do Estado. Continuará a ser o médico de comitiva até ao fim, mas muitas vezes será substituído nessas funções pelo seu assistente, Hasselbach. O médico Brandt participará no plano

de construção governamental, e será mais ao chefe do Governo do que ao chefe de quem era íntimo que passará doravante a prestar contas.

«O GIGANTISMO ARQUITETÓNICO DOS CONSTRUTORES GREGOS»

Março de 1939. Brandt trabalha desde há um ano com Speer no plano de construção das clínicas cirúrgicas. Uma viagem em comum vai aproximá-los ainda mais.

Com as esposas e alguns amigos partem para a Sicília e a Itália do Sul. Magda Goebbels, mulher do ministro da Propaganda, acompanha-os.

O casal Goebbels atravessa uma crise grave. Goebbels, um dos dignitários nazis mais viajados, traiçoa publicamente a mulher com a estrela checa Lida Baavora. Decidida a afastar-se temporariamente, para ver em que davam as coisas, Magda Goebbels junta-se ao grupo e viaja sob um nome falso.

Na Sicília, as maravilhas da arquitetura grega atraem particularmente Speer. Não é ele quem preside aos destinos da arquitetura alemã? E Brandt, de todos quantos rodeiam Hitler, é um dos raros homens cultos que lhe podem dar réplica.

A vida quotidiana na Chancelaria ou na Baviera não deixa grande lugar para a cultura. As conversas apreciadas por Hitler giram em torno dos regimes de alimentação, dos cães pastores-alemães, das operetas e... da arquitetura das novas cidades. Quanto aos altos dignitários, a maior parte deles nunca saiu da Alemanha. A viagem à Itália permite, portanto, a Brandt e aos seus amigos apreciarem os prazeres estéticos que até agora lhes foram recusados pela empresa do nacional-socialismo e pelas preocupações políticas.

O escultor Arno Breker, impressionado pelas formidáveis ruínas de Agrigento, exclamará:

— Que contraste com a austeridade alemã! Caro Speer, reconheço-te um talento muito grande, mas não há dúvida de que os arquitetos das antigas civilizações são inigualáveis!

— No entanto — acrescentará Brandt —, o gigantismo dos construtores gregos convém-nos profundamente, a nós, Alemães...

De regresso a Roma, o anonimato do grupo é quebrado. Os dirigentes italianos descobrem com espanto que a segunda dama da Alemanha (logo depois da senhora de Goering) viaja sozinha, incógnita, pelo país deles. O escândalo é evitado à última hora.

O ministro da Propaganda italiano, Alfieri, quer prestar as suas honras a estes hóspedes imprevistos, vindos do país fascista irmão. O grupo é convidado oficialmente para a ópera.

A sala está apinhada. Os elegantes da capital italiana, em traje de noite, miram o camarote onde tomaram lugar Speer, Brandt e os seus amigos. No dia seguinte, de comum acordo, o grupo decide abreviar a sua estada, pois ninguém consegue encontrar uma justificação plausível para a ausência de Goebbels. E todos sabem que Hitler, embora perfeitamente ao corrente da situação do casal Goebbels, não tolerará qualquer publicidade capaz de desacreditar o seu ministro da Propaganda.

Esta viagem pela Itália confirmou a convicção de Brandt e de Speer de que apenas o gigantismo arquitetónico da Antiguidade deixou na História a sua marca eterna, e que apenas ele é digno do reinado nazi.

De regresso, tomam conhecimento da invasão do que resta da Checoslováquia. Mais uma vez, a Europa cala-se. Mas o silêncio está pesado de ameaças.

HITLER MOSTRA O JOGO

Em Berlim e em toda a Alemanha, a propaganda nacional-socialista desencadeia-se. A imprensa, a rádio, os militantes do partido, tudo é utilizado para apresentar a invasão do que resta da Checoslováquia como um ato justo. Segundo os dirigentes, foi de sua própria iniciativa que os Checos pediram a proteção alemã. O clima, contudo, é de desilusão. Nem a França nem a Inglaterra parecem ainda verdadeiramente dispostas a pegar em armas, mas a incerteza cresce.

Os objetivos da política externa de Hitler ganham precisão. O que não passava de discursos inflamados, de grandiloquência oratória, transforma-se em realidade militar. O barulho das armas irá em breve enquadrar as palavras do Führer.

Maio de 1939. Um almoço reúne alguns dignitários e familiares de Hitler na Chancelaria. Brandt está presente com Speer. Goebbels, tenso e grave, fala da Checoslováquia. E o ministro da Propaganda evoca em termos violentos as novas conquistas que deverão dar ao povo alemão a sua legítima expansão territorial. Hitler, silencioso, observa as reações dos seus convidados. Estes, visivelmente embaraçados, não ousam contradizer Goebbels.

Falando do velho diplomata Von Neurath, nomeado pouco tempo antes «protetor do Reich» na Boémia-Morávia, Goebbels exclama:

— Von Neurath é conhecido como moderado. Ora o protetorado da Boémia-Morávia precisa de uma mão firme, que mantenha a ordem. Aquele homem nada tem de comum conosco. Faz parte de um outro mundo, completamente diferente.

O silêncio instala-se na sala, pesado. Todos esperam a resposta de Hitler, que Goebbels acaba de pôr diretamente em causa, uma vez que a decisão de nomear

Von Neurath partira do próprio Führer. Ora Hitler é muito cioso da sua prerrogativa de escolher os homens que utiliza. Retifica rapidamente, num tom que não admite réplica :

— Von Neurath era o único titular possível. No mundo anglo-saxónico ele é considerado um homem de grande distinção. No plano internacional, a sua nomeação teve um efeito tranquilizador: ver-se-á nisto a vontade de não privar os Checos da sua vida nacional.

Ninguém se lembra, por um instante que seja, de analisar o sentido profundo daquilo que Hitler acaba de dizer: a nomeação de Von Neurath não passa, afinal, de uma manha para evitar um confronto imediato com a Inglaterra, que o Führer receia.

Publicamente desfeitoado, Goebbels cala-se. Os convivas, aliviados e dóceis, aprovam. Mas já vêm próximos os tempos em que a manha não bastará. Aquando da invasão da Polónia, as grandes mentiras de Hitler acerca da pretensa agressão polaca desmascaram definitivamente as intenções imperialistas do Reich.

Tal como milhões de alemães, Brandt não poderá então deixar de aprovar o esforço de guerra e os monstruosos «desforços» que dele resultarão.

O GOLPE DE ADVERTÊNCIA SOBRE EMDEN

Aliás, durante dois anos as vitórias sucedem-se. O Exército alemão dá provas do seu poderio e Hitler da qualidade da sua estratégia.

A Europa descobre as negras realidades da ocupação: a Polónia é arrasada, a França assina o armistício. A Inglaterra, isolada, recolhe-se sobre si própria. O Führer e o nacional-socialismo estão no apogeu.

Muito em breve, contudo, chegará a vez de a Alemanha ser duramente atingida. Os bombardeamentos ingleses não tardam a mudar a face de uma guerra que a população civil alemã ainda não viveu, até agora, no seu próprio território, fora alguns bombardeamentos aéreos simbólicos sobre Berlim e sobre o Ruhr.

Ano de 1941. A notícia rebenta. Será apenas a primeira de uma longa série. Emden foi seriamente bombardeada pela aviação britânica.

A emoção é grande. Este porto do mar do Norte, cujas empresas metalúrgicas trabalhavam para o Exército alemão, está em grande parte destruído.

Daqui em diante, todos sabem que, se a Inglaterra não for vencida, o sinal de alarme poderá soar todas as noites. O imenso dispositivo rapidamente posto a funcionar para proteger o país, o qual tão caro custará em homens e material, não impedirá a sua destruição.

O povo, que tinha levado Hitler ao poder, ou aceitado que ele o exercesse, vai em breve pagar o pesado tributo do nacional-socialismo. Uma página do regime está definitivamente voltada com a notícia deste primeiro grande bombardeamento.

Emden arde. Os mortos, os feridos, as ruínas, o espetáculo quotidiano da guerra germanizam-se... durante quatro anos.



De Auschwitz a Osnabrück, de Neuengamme a Mauthausen, Himmler encheu a Alemanha e os territórios ocupados do Leste de campos de concentração, para aí encerrar todos os inimigos políticos e raciais do III Reich.

Nas ruas, a população civil espera, ainda crédula, que o regime intervenha. Os dirigentes locais viram-se para a capital do Reich. Decerto que o Führer e os ministros têm tudo previsto. O hospital da cidade, peça-chave do sistema de socorro, não foi poupado pelas bombas. Se os bombardeiros voltassem a surgir sobre o mar, quem poderia impedir o pânico? Não se trata já de construir para melhorar. É preciso protegerem-se, esconderem-se, prever a rápida transferência dos hospitais das cidades em perigo.

Três homens desempenharão um papel determinante neste dramático jogo de escondidas que a Alemanha joga com as bombas que caem do céu: Brandt, Todt e Speer.

NOVAS RESPONSABILIDADES DE BRANDT

O doutor Todt, ministro do Armamento desde 1940, a quem imediatamente foi dada a notícia dos bombardeamentos sobre Emden, decide procurar o Führer. A imprensa e a rádio foram extremamente discretas sobre a extensão dos *raids* britânicos. Terá o Führer ao menos sido posto ao corrente da realidade?

Uma estranha personagem da Alemanha hitleriana, este Todt! Inscrito no partido em 1922, encarregado das construções e do equipamento nacionais-socialistas, construtor das autoestradas, é o protótipo daqueles tecnocratas eficazes e reservados que, como Brandt, nunca terão a sua hora de glória oficial por ocasião das mascaradas, mas que serão os construtores do poderio do regime. Brandt irá trabalhar com Todt desde 1941 até à morte deste, em 1942.

Hitler, segundo o testemunho de um contemporâneo, respeitava — o que nele era raro — o construtor das autoestradas. O bombardeamento de Emden afetou o Führer, que, desde sempre, receia a Grã-Bretanha, o único Estado europeu a que ele dá realmente importância na sua política externa. Quando Todt se lhe apresenta, ele está rodeado de oficiais do Estado-Maior e a discussão centra-se na estimativa das forças inglesas.

— Mais uma traição de Churchill. Desde 1936 que Churchill anda a tramar a guerra com a Alemanha — resmunga Hitler, para quem Churchill é o responsável por todas as deceções que lhe vêm da Inglaterra. Se não fosse aquele cabeçudo, profundamente antialemão, a Segunda Guerra Mundial teria podido ser evitada.

E o Führer lança-se, para grande espanto de todos os que o rodeiam, num elogio do povo inglês, cuja única culpa, para ele, tinha sido o ter aceitado ser mal governado:

— Se esse homem não governasse em oposição ao bom senso — afirma Hitler sem hesitação —, a paz com a Inglaterra seria possível.

Mas Todt não veio ali para assistir a uma palestra sobre política externa. Quando Hitler se cala, apressa-se a tomar ele a palavra, num tom neutro:

— Meu Führer, o hospital de Emden foi inteiramente destruído pelos bombardeamentos. A organização dos serviços da saúde corre o risco de ser profundamente perturbada se não interviermos rapidamente. Por outro lado, é preciso pensar num plano de reconstrução que tenha em conta os imperativos da defesa antiaérea.

— Eu sei — murmura Hitler, sempre pouco à vontade diante deste técnico que se não deixa impressionar por frases eloquentes e lisonjeiras. — Falei ontem acerca disso com Brandt.

Depois, de súbito, numa reação muito frequente nele, chama a si as ideias de Todt e exclama:

— Todt, é absolutamente necessário reconstruir um hospital em Emden que tenha em conta a ameaça inglesa. É preciso pensar desde já na eventual evacuação das cidades em perigo e evitar que, doravante, os serviços médico-hospitalares possam servir de alvo aos bombardeamentos. Comece a estudar esse plano, discuta-o com Brandt. Sei que ele tem em mente soluções práticas para o problema. É preciso conseguir-se isso com a mínima demora possível.

À tarde, Hitler volta a convocar Brandt. Confia-lhe a gestão dos hospitais das cidades em perigo e a construção de hospitais destinados a substituir os destruídos, ordenando-lhe que passe desde então a trabalhar em colaboração com o ministro do Armamento, doutor Todt.

No dia seguinte, Brandt telefona a Todt. Vai ter com ele ao Ministério do Armamento, onde ambos começam a definir as medidas a tomar. As responsabilidades de Brandt na organização da medicina de guerra definem-se.

Um ano mais tarde, quando o programa delineado pelos dois homens está a entrar na fase de realização, o doutor Todt desaparece num acidente de avião, cujas causas nunca chegaram a ser totalmente esclarecidas.

PROMOÇÃO DO AMIGO SPEER

Dia 8 de fevereiro de 1942. Nove horas da manhã. O telefone toca num quarto de Rastenburg, na Prússia Oriental, onde Hitler montou o seu quartel-general, para estar mais perto das operações da frente leste. Albert Speer, que estava a dormir, desperta:

— Está, Speer? Aqui Karl Brandt. O doutor Todt acaba de morrer num acidente. O seu avião despenhou-se no solo pouco depois de ter descolado.

Speer fica aterrado. Naquele momento difícil que o Exército alemão, bloqueado pelo frio da Rússia, atravessa, a morte de Todt é um acontecimento extremamente grave. Quem vai substituí-lo nas suas duplas funções de ministro do Armamento e de responsável pela organização da retaguarda da frente leste, duramente batida pela contraofensiva russa do inverno? Para mais, Speer era para ter embarcado nessa manhã no mesmo avião que Todt. Só a fadiga que sentira depois de uma reunião com Hitler o tinha levado a alterar esses planos, apenas quatro horas antes da partida. Brandt, ao telefone, está também inquieto pelo que

lhe diz respeito. Que vai ser das construções hospitalares? Com quem é que vai passar a trabalhar daqui em diante?

À uma hora da tarde, Hitler manda chamar Speer, o qual contará, nas suas *Memórias*:

«Fui o primeiro a ser convocado. Pela careta que me fez Schaub, o ajudante de campo, percebi logo que a hora era grave. Contrariamente ao que acontecera ainda na noite anterior, é na qualidade de Führer do Reich que Hitler me recebe sempre. De pé, com ar austero e protocolar, recebeu os meus cumprimentos de condolências, respondeu em poucas palavras e, depois, sem qualquer outro comentário, declarou: “Senhor Speer, nomeio-o ministro e sucessor do doutor Todt. Substituí-lo-á em todas as suas funções.”»

Speer não pode acreditar no que ouve. As responsabilidades de Todt eram muito vastas e Hitler confiava muito na sua colaboração. Então, julgando-se substituto de Todt simplesmente como responsável pela construção, domínio que aquele havia conservado também como sua atribuição, declara que fará tudo o que lhe for possível para ser um bom continuador de Todt nesse campo. Hitler interrompe-o imediatamente:

— Não apenas nessas funções, mas igualmente como ministro do Armamento.

— Mas eu nada sei de armamento.

— Tenho confiança em si e estou convencido de que se sairá bem. Além disso, não disponho de mais ninguém. Ponha-se imediatamente em contacto com o ministério e comece a trabalhar!

— Nesse caso, meu Führer, só poderei aceitar se isso for uma ordem da vossa parte, pois não posso garantir que estarei à altura desse cargo.

Speer precisa: «A ordem expressa foi-me transmitida em poucas palavras e eu aquiesci em silêncio.»

Assim, foi nomeado ministro aquele com quem Brandt iria passar a trabalhar doravante. Os laços de amizade que já desde há alguns anos uniam os dois homens só podiam facilitar-lhes a tarefa. Alguns instantes depois da nomeação de Speer, quando este ainda se encontrava com Hitler, Goering, vindo à pressa, tentou recuperar a herança de Todt e reclamou para si o ministério. Só a rápida resolução tomada por Hitler tinha podido contrariar o homem insaciavelmente ambicioso de poder e de proveitos que era o marechal do Reich.

Pouco tempo depois, Speer encontra Brandt, que desempenha nesse momento as suas funções de médico de comitiva do Führer. A notícia da nomeação de Speer satisfaz profundamente Brandt. Explica demoradamente ao seu amigo o plano de construções hospitalares que tinha preparado com Todt.

SÍSIFO DA CONSTRUÇÃO DE HOSPITAIS

Durante o seu julgamento em Nuremberga, Brandt qualificará de «muito má» a situação dos serviços de saúde alemães, quando, em 1938, foi encarregado por Hitler de, juntamente com Speer, construir a nova clínica cirúrgica de Berlim. Os relatórios oficiais fazem, com efeito, referência a cerca de quinhentas mil a seiscentas mil camas nos hospitais, pertencendo metade a estabelecimentos psiquiátricos. A situação da medicina e dos hospitais — menos de quatro camas em hospitais não psiquiátricos por cada mil habitantes — está assim longe de concordar com a imagem de desenvolvimento em todos os domínios que o regime pretende dar de si mesmo. Hitler sabe-o e preocupa-se, o que justifica os poderes que dá a Brandt. Este desenvolve o seu plano de melhoramento dos hospitais já existentes e de construção de novos centros, que foi na época conhecido pelo nome de «Ação Brandt».

A aprovação do Führer é total, apesar das reticências dos que o rodeiam e, nomeadamente, das de Himmler. Este último, que continua a desconfiar de Brandt, declara um dia a um dos seus mais próximos colaboradores:

— Sejam quais forem as funções que Brandt desempenhe, proíbo-o (está a ouvir?), proíbo-o de entrar em contacto com ele. A medicina SS deve manter-se independente.

— Mas o professor Brandt é membro da nossa organização, meu *Reichsführer!* — replica o *Gruppenführer*, que tenta saber mais qualquer coisa acerca das razões da desconfiança de Himmler.

— Contente-se com ouvir o que lhe digo. O resto é só comigo! — responde Himmler, num tom que não admite réplica.

A ordem será respeitada. Brandt será sempre mantido à parte da zona de influência das SS.

A partir de 1941, a capacidade de hospitalização alemã, já crítica em tempos de paz, agrava-se. O número de doentes, muitos dos quais sobreviventes dos bombardeamentos, não para de aumentar vertiginosamente, ao passo que o número de hospitais, pelo contrário, diminui. Cidades inteiras são atingidas; os seus hospitais e as suas clínicas não são poupados.

Brandt, primeiro com Todt e, depois da morte deste, com Speer, tenta travar a crise. De 1941 a 1944, são construídos trinta estabelecimentos hospitalares, com quinhentas camas cada um. Quinze mil camas são, portanto, postas à disposição da população, que sofre os efeitos da flagelação incessante dos bombardeiros britânicos.

Resultados insuficientes. Mas já não se trata de fazer da Alemanha o país mais bem equipado em hospitais; trata-se de minorar a catástrofe que se anuncia; de evitar o colapso por todos os meios. A eutanásia, de que Brandt será o responsável executivo, não será também um método para descongestionar os hospitais superlotados?

Brandt tenta, sem o conseguir realmente, adaptar-se aos novos dados da situação, tornada cada vez mais incerta pelo decurso da guerra e pelo delírio dos dirigentes. As sangrentas derrotas na frente leste e a irrupção da potência norte-americana nos campos de batalha da Europa esgotam a Alemanha. Imperturbável, fiel e confiante até ao fim, Brandt traça planos de novos hospitais e realiza-os, enquanto nos céus do Reich se multiplica o número dos bombardeiros que os irão destruir.

Enquanto o nacional-socialismo corre cada vez mais depressa para a catástrofe, Brandt obedece às ordens do Führer, de quem dirá no seu julgamento:

— O Führer tinha a obsessão da construção. É certo que os planos dos hospitais construídos eram judiciosos, mas já era tarde de mais.

UM CIRURGIÃO-ARQUITETO

O primeiro cuidado de Brandt e dos seus colaboradores, em relação à construção dos novos hospitais, foi, como é óbvio, situá-los fora do alcance dos bombardeiros britânicos. Também foi dada ordem para se escolherem locais que não fossem facilmente referenciáveis, no campo, ou, se o terreno o permitisse, para se utilizarem as florestas.

Todt, que um dia põe a Brandt os problemas provocados por uma grande demora no transporte dos casos de urgência, ouve a seguinte resposta:

— É preferível que uma ambulância gaste mais cinco minutos para chegar a um hospital em condições de a receber a gastar menos cinco minutos para chegar a umas ruínas.

Brandt tem então de organizar carreiras de autocarros e de camiões entre os hospitais e o centro das cidades, a fim de se transportarem os doentes e os seus familiares.

Até 1942, Brandt dirige as reconstruções a partir do quartel-general do Führer: as suas funções intermitentes de médico de comitiva tornam-lhe difícil deslocar-se para ir supervisionar pessoalmente os trabalhos. Entre duas conferências com os chefes do Estado-Maior, o Führer pede-lhe que lhe apresente os planos dos hospitais que estão a ser construídos. Brandt explica demoradamente

a Hitler as suas concepções acerca da organização de um estabelecimento cirúrgico. O seu desejo é, na realidade, adaptar os planos às necessidades do desenvolvimento da cirurgia, domínio em que é perfeitamente competente. As suas funções administrativas, de resto, não o impedem de continuar a operar sempre que pode:

— A ideia mestra que nos guiou, a mim e ao doutor Todt, na elaboração destes planos foi a eficiência. É necessário que o trabalho do pessoal se possa efetuar sem que a disposição dos locais de trabalho constitua obstáculo. O desperdício de tempo e de energias deve ser eliminado.

O Führer escuta em silêncio. Os relatórios dos peritos ou dos técnicos impõem-lho sempre, de tal modo que nem gosta muito de os ouvir. Considera os técnicos, mais ou menos, como potenciais opositores da sua megalomania. É por isso que procura nomear para os postos importantes pessoas cuja competência é, em geral, medíocre. São assim mais fáceis de manejar. Brandt é um dos raros responsáveis do regime que escapam a esta regra.

— O elemento central das construções — prossegue o jovem cirurgião — é um vestíbulo em semicírculo, onde se encontram reunidas todas as instalações elétricas e de aquecimento, a fim de que esses comandos estejam imediatamente acessíveis, em caso de necessidade. As enfermarias dispõem-se à volta desse semicírculo. Estão viradas a sul e dispostas de modo que, umas mais saídas que outras, possam beneficiar permanentemente do sol. A luminosidade dos quartos não pode deixar de se considerar um fator benéfico durante a convalescença dos doentes. Enfim, todas as instalações cirúrgicas (bloco operatório, salas de radiografia, de odontologia), tal como as cozinhas, devem dar para o vestíbulo principal. Este funciona como uma espécie de eixo, em torno do qual se organizam os diferentes serviços do hospital.

Hitler acena a cabeça em gesto de aprovação e pede que torne mais precisos alguns pormenores. O Führer está visivelmente satisfeito e Brandt sabe que ele não levantará qualquer objeção à prossecução do projeto. E acrescenta:

— O custo da clínica da Universidade de Berlim elevou-se a cerca de duzentos e oitenta milhões de marcos. O doutor Todt calcula, tendo em conta as diferenças de dimensões, bem entendido, que os custos destes novos hospitais sejam menos elevados, meu Führer.

— Perfeito — conclui Hitler.

Mas a medicina alemã da época hitleriana não ficará na História devido à qualidade dos seus hospitais. Dominada desde 1933 pelas paixões racistas e subequipada, vai revelar a sua verdadeira natureza: a de um abominável Moloch de pés de barro.



UMA OBRA
DE «SALVAÇÃO PÚBLICA»:
A EUTANÁSIA

«Uma geração mais forte eliminará os fracos.»

Hitler, *Mein Kampf*.

Em 1935, o ministro da Justiça de Hitler, o doutor Guertner, em colaboração com juristas e professores de medicina, manda publicar em Berlim um código penal que condena formalmente a eutanásia.

Com efeito, o texto da lei precisa:

«Não se põe, naturalmente, a questão de se autorizar a destruição de uma vida sem valor. Em geral, isso aplicar-se-ia aos casos mentais graves e aos casos de idiotice total. O Estado nacional-socialista procura combater tais degenerescências no país através de medidas a longo prazo, de modo a fazê-las diminuir gradualmente. Mas a força do “Não matarás” não deve ser enfraquecida por exceções, por razões de conveniência, no que se refere a vítimas de uma doença grave ou de um acidente, mesmo que essas infelizes criaturas estivessem ligadas à nação apenas pelo seu passado e pelo seu aspeto exterior.»

O único caso de eutanásia aceite pelo código é aquele em que se concede ao médico liberdade para não prolongar artificialmente uma existência já condenada e para transformar em sono eterno uma agonia pré-mortal.

Em 1939, o doutor Guertner continua a ser ministro da Justiça. Contudo, somente será informado do novo decreto de Hitler que autoriza a eutanásia um ano depois do início das primeiras exterminações de alienados, em 27 de outubro de 1940. A opinião pública alemã, essa já estava ciente do que se passava por detrás das grades de certos asilos...

A CAMINHO DA SUPRESSÃO DOS «IMPRODUTIVOS»

Outubro de 1939. A campanha-relâmpago da Polónia, «feita com prontidão», segundo as suas próprias palavras, deixa ao Führer alguns dias para repousar em Obersalzberg.

A frente ocidental demorará a animar-se. Os Franceses não estão prontos. Os Russos são cúmplices. O otimismo reina no quartel-general.

Para Hitler, chegou a altura de preparar seriamente a passagem para uma verdadeira economia de guerra.

— Meu Führer, com um máximo de eficácia e de organização, suporta-

ríamos uma guerra de «Cem Anos» — gosta de repetir o marechal Goering, o qual, no entanto, não está disposto a restringir o seu sumptuoso nível de vida.

Apesar da propaganda, também o povo alemão não estava interessado em aceitar, no seu conjunto, medidas de restrições espartanas.

Que fazer? Quais as medidas que não se irão tornar demasiado impopulares? «Todo o alemão digno desse nome deve sacrificar-se pela grandeza da Nação Alemã!», lançou Goebbels, em Nuremberga, em 1938. Com certeza, mas de que modo? Pesadas suspeitas começam a abater-se então sobre aqueles que não se encontram alistados no Exército e sobre aquelas que se recusam a ter «pelo menos três filhos»... E o problema provocado pelos improdutivos é empolado por certos dirigentes:

«É preciso que um tal escândalo não tenha continuação no III Reich!», anuncia a propaganda de Goebbels. «Acabemos com a utilização de palácios pelos alienados e de casebres pelos operários.»

Os improdutivos — inválidos do trabalho ou da guerra, velhos, marginais (ciganos), estrangeiros, judeus, até loucos e anormais — são o peso morto do regime, as «bocas inúteis» do país.

Todos «incapazes de servir a nação». Degenerados! O argumento é de uma simplicidade espantosa. A solução também! Bastava que se pensasse nela: eliminá-los!

Já durante a campanha da Polónia Hitler tinha convocado, para o seu quartel-general de Danzigue, Conti, responsável pelos Serviços de Saúde Cívica e presidente da Ordem dos Médicos do Reich, e também o ministro Lammers.

Discutirá demoradamente com eles os problemas da eutanásia. Perante os juizes de Nuremberga, Lammers declarou:

— Foi em setembro de 1939 que esta ideia ocorreu a Hitler pela primeira vez³. Nessa altura, o doutor Conti recebeu ordens para aprofundar o assunto. Foi encarregado de pedir a minha colaboração para o aspeto jurídico da questão. Pronunciei-me contra tal projeto, mas, perante a insistência do Führer, propus que aquela questão fosse acompanhada de todas as garantias legais e regulamentada por uma lei... Mais tarde, o doutor Conti viu-se afastado desta missão, que foi confiada ao *Reichsleiter* Boulher... Hitler deu plenos poderes, no que se refere à supressão dos alienados incuráveis, ao *Reichsleiter* Boulher e ao médico que o coadjuvava, o professor doutor Brandt.

³ Na verdade, em *Mein Kampf*, Hitler enuncia já as suas ideias sobre a eutanásia.

A VONTADE DO CHEFE

Em Obersalzberg, Hitler convoca Brandt, o homem que empenha sempre grande cuidado e uma alta competência nas missões que o seu Führer lhe confia. No entanto, Hitler não lhe revela imediatamente todo o ambicioso projeto que decidiu levar a cabo.

— Brandt, acabo de receber um documento de extrema importância do *Reichsleiter* Boulher. Diz respeito à situação dos alienados...

Perante o olhar impassível do médico, Hitler prossegue:

— Este problema humano preocupa-me enormemente... Queria que você refletisse acerca dele com a máxima consciência e me desse o seu parecer, como médico e como alemão. Para ser completamente franco para consigo — acrescenta, com um largo gesto da mão, que parece querer indicar a parte por ele desempenhada neste doloroso problema —, vou revelar-lhe o meu ponto de vista, e depois aguardo o seu.

O jovem médico, impressionado pelo tom grave do seu chefe e pela concentração de que ele dá mostras naquela altura, responde imediatamente:

— Agradeço-lhe, meu Führer, a confiança que me testemunha. Saberei mostrar-me digno dela. O problema dos alienados parece-me também muito importante — afirma, querendo sem dúvida mostrar que lera *Mein Kampf* atentamente e que a eutanásia não lhe parece, em princípio, condenável. — Como médico — acrescenta —, esse problema interessa-me duplamente.

Hitler suspira de satisfação. Se todos os seus colaboradores aderissem tão facilmente como este, e bastando apenas meia palavra, às iniciativas da «revolução nacional-socialista», a Alemanha estaria salva!

— Em resumo — prossegue ele, num tom mais rápido —, estamos em guerra. As considerações humanas devem ter isso em conta. O que significa claramente que a vida de um só dos nossos soldados na frente de batalha vale mais que as de dez alienados incuráveis.

»Por outro lado, sabe melhor do que eu que, das seiscentas mil camas de hospital atualmente disponíveis, e apesar dos seus esforços, seus e de Speer, no domínio da construção, trezentas mil estão ocupadas por doentes mentais, incuráveis ou não. É demasiado. Enfim, considero que os alienados que já não têm consciência da sua própria existência como homens são já mortos em potência... E já não conto com o grave problema dos cuidados quotidianos que têm de lhes ser dispensados em tempo de guerra: alimentação, médicos, enfermeiros, etc.

Brandt, silencioso, escuta a exposição precisa, coerente, lógica, do seu Führer. Se qualquer hesitação, por mais pequena que fosse, teve lugar no seu espírito na-

quele instante, nunca ninguém o saberá. De facto, pessoalmente, é perfeitamente favorável ao princípio da eutanásia, como meio humanitário de abreviar os sofrimentos dos «anormais» e como defesa da humanidade «normal». Tomou partido definido nessa polémica filosófica, que esteve e estará aberta, mesmo fora da Alemanha nazi. A eutanásia dará lugar, por ocasião do problema da talidomida, a um processo sensacional, ao longo do qual o tribunal se mostra indeciso. Platão, na Antiguidade, São Thomas More e Francis Bacon, no Renascimento, Nietzsche, na época moderna, defenderam, ou aceitaram, a eutanásia social, que é geralmente condenada pela doutrina cristã e pela deontologia médica ocidental.

Para mais, os motivos de carácter nacional apresentados por Hitler afiguram-se fundamentados ao seu médico pessoal.

Brandt defenderá desde logo ardentemente o programa da Ação Eutanásia. Durante dois anos, secundará fielmente o *Reichsleiter* Boulher, que ele próprio apresentará em Nuremberga como «um homem reservado, muito calmo, honesto e bastante bondoso»! No mesmo período, trabalhará com Speer e com Todt na Ação Hospital. Para ele, quer se trate do programa de construção civil para bem dos feridos de guerra, quer seja o de extermínio sistemático dos incuráveis, isso não afetarà a sua consciência do dever. A sua moral adapta-se à vontade do chefe.

DECRETO SECRETO

Sem esperar mais, Brandt põe-se em contacto com Boulher, a fim de regularem alguns pormenores de uma operação que deve, segundo as ordens de Hitler, manter-se secreta — pormenores como a escolha dos médicos, os locais onde se praticará a eutanásia e os critérios de seleção...

Um mês mais tarde, recusando, «por razões de superior interesse nacional», legalizar aquilo que publicamente apenas será designado por «Ação T 4», Hitler fará um decreto, datado retroativamente de 1 de setembro de 1939 e redigido no seu papel timbrado pessoal, mas esse decreto só será enviado ao ministro da Justiça, Guertner, em 27 de outubro de 1940!

Os termos deste decreto, o qual, aliás, continuará secreto até ao fim do nazismo, são muito claros:

«Adolf Hitler

Berlim, 1 de setembro de 1939

O *Reichsleiter* Boulher e o doutor em Medicina Brandt são, à sua responsabilidade, encarregados de alargar a autoridade de deter-

minados médicos, a designar pessoalmente, de modo a libertarem, pela morte, as pessoas que, dentro dos limites do julgamento humano e depois de aturado exame médico, sejam declaradas incuráveis.

Assinado: Adolf Hitler.»

Nota manuscrita:

«Boulher enviou-me esta ordem em 27 de outubro de 1940.

Assinado: Dr. Guertner.»

Dez meses mais tarde, em 16 de agosto de 1941, uma conferência extraordinária reúne em Berlim, no ambiente sumptuoso da nova Chancelaria, Karl Brandt, Philipp Boulher, Viktor Brack, seu braço-direito, Conti e o seu assistente Linden, assim como o professor Heyde. A imensa Sala dos Ministros, onde a reunião decorre, vai ser pela primeira vez o cenário de confrontos velados no seio da equipa T 4. Até então, aquela sala apenas havia servido, esporadicamente, para as estrondosas declarações de Hitler, quando queria mostrar aos seus ministros que a lei era exclusivamente ele próprio.

A POPULAÇÃO COMEÇA A DESCONFIAR...

A conferência é aberta por Karl Brandt, muito calmo, como é seu hábito. A vida no quartel-general do Führer deu-lhe uma grande segurança. Todos os presentes estão à civil.

— Sabem que a ação T 4 — diz Brandt — começou há nove meses. Não posso deixar de louvar a disciplina perfeita e o silêncio que têm caracterizado este programa. No entanto, tenho de revelar aqui que me chegaram certos rumores, particularmente da zona em redor do Centro de Grafeneck. A população com parentes ali internados parece que começou a desconfiar de qualquer coisa... Terão mesmo recorrido à via hierárquica... O nosso Führer ficou furioso ao ter conhecimento destes lamentáveis incidentes.

Brandt percorre os presentes com o olhar. Todos sabem que ele é o homem encarregado de dar conta a Hitler do desenrolar do programa. E, bem entendido, é ele quem fala em nome do Führer. Estranhamente suave, quase efeminada, a voz de Boulher faz-se ouvir:

— Também me chegaram as mesmas informações. O povo alemão ainda

não está em condições de compreender a ação T 4 e, portanto, de a aceitar. Certamente teremos de a impor.

Voltando-se para o seu adjunto Brack, o *Reichsleiter* recomeça:

— Contamos muito particularmente com a saída do vosso filme *Acuso*. No caso presente, só uma propaganda cuidada pode ser eficaz. Porém, e isto é dirigido a vós todos, senhores, reafirmo hoje aqui a extrema importância do programa. As forças armadas têm uma necessidade urgente de médicos e de hospitais.

Boulher cala-se. Um silêncio expectante marcou a sua intervenção. Linden, o homem para todo o serviço de Conti, toma então a palavra:

— *Reichsleiter*, considero pessoalmente, e creio que o doutor Conti estará de acordo comigo, que a seleção dos sujeitos deve ter em conta a aptidão para o trabalho.

A estas palavras, Brandt e o professor Heyde franzem o sobrolho. Uma certa tensão nasce no meio do grupo. Para Brandt, a eutanásia é essencialmente humanitária. Mantém-se fiel ao decreto inicial de Hitler. A eutanásia é uma libertação pela morte. A sua exploração utilitária, que se esboça através dos projetos de Conti, as traficâncias a que dará forçosamente lugar, inquietam-no ao máximo. Com voz hesitante, Boulher intervém:

— O nosso Führer falou das questões materiais levantadas pelo programa... Mas...

Boulher olha para Conti, que ainda não falou.

—... Mas a seleção tem de ser fundamentalmente humanitária, não é? O nosso Führer nunca deixou perceber, em momento algum, que a ação T 4 deve basear-se no facto de eles poderem trabalhar ou não...

«UM COMERCIANTE DE ASILO»

— Pouco importa! — A voz de Conti sai seca e precisa. — O Führer falou-me nisso a mim. Certos elementos poderão ser poupados, em função da sua utilização possível em tempo de guerra. Depois da vitória, os critérios adotados não terão já grande importância.

Brandt, esse, não está de acordo, já o vimos. Em termos comedidos mas insistentes, ergue-se contra as práticas de Conti, que classifica de «comerciante de asilo». Um confronto de maior violência é evitado por pouco.

Retomando o debate, Boulher põe uma série de questões técnicas acerca da natureza das doenças e dos questionários elaborados para a «transferência dos doentes».

O protesto de Karl Brandt foi abafado. Embora todos saibam das suas

privilegiadas relações com Hitler, ele continua a ser suspeito junto dos «veteranos» da primeira hora do nacional-socialismo, tanto de Conti como de Himmler.

A reunião prossegue. É lida uma nota de Conti, que ele próprio enviou a algumas clínicas particulares. Nela insiste particularmente sobre a raça, a nacionalidade, a aptidão para o trabalho, considerados critérios importantes. A nota pede que sejam indicados os doentes a submeter à eutanásia.

OS PASSAPORTES PARA A MORTE

Já em 16 de novembro de 1939 Conti se tinha encarregado do envio de questionários do mesmo tipo ao asilo de Kaufbeuren, um dos mais importantes da Alemanha. O questionário, que deve ser agora preenchido por cada estabelecimento e relativo a cada doente, é completo e pormenorizado. Mas o fim a que se destina não é revelado. O questionário apresenta-se como uma espécie de documento puramente estatístico.

«Com vista a um planeamento necessário no que se refere às instituições mentais e aos hospitais, peço-lhe que mande preencher os impressos juntos e que mos devolva depois.

Doutor Conti.»

Nome da instituição em.....
Apelido e nome próprio do doente:.....
Última residência:
Estado civil:
Religião:
Raça: de raça alemã ou semelhante
 judeu (misto de judeu em grau um ou dois...)
 negro (mestiço de negro...)
 cigano (mestiço de cigano...)
Profissão anterior:
Nacionalidade:
Serviço militar:
Prestou-o de 1914 a 1918, ou depois de 1 de setembro de 1939?
Ferimentos de guerra:
Residência dos parentes mais chegados:
Visitas regulares que recebe e por quem:

Nome e morada do responsável ou da enfermeira:
 Desde quando se encontra o doente no estabelecimento hospitalar?
 Por quem foi levado?
 E quando?
 Desde quando está doente?
 Foi tratado noutros estabelecimentos? Onde?
 Durante quanto tempo?
 Tem algum irmão gémeo?
 Tem parentes mentalmente anormais?
 Diagnóstico (génese da doença, evolução, estado mental pormenorizado):
 Muito violento:
 A manter acamado:
 Doença psíquica incurável:
 ESQUIZOFRENIA:
 Primeiro ataque:
 Estado final:
 Boa recuperação:
 DEBILIDADE MENTAL: fraco, imbecil, idiota.
 Epilepsia: alteração mental, frequência média dos ataques:
 Terapêutica: insulina, cardiazol, salvarsan.....
 Resultados permanentes:
 Admitido: ao abrigo dos parágrafos 51, 426, etc.
 Ação criminal:
 Delitos puníveis anteriores:
 Forma de trabalho que pode exercer (descrição pormenorizada do trabalho):.....
 Emprego permanente (trabalhador por conta própria, eventual):.....
 Valor do trabalho (comparar, se possível, com o rendimento médio de uma pessoa sã):

 Data:....., de de.....
 Assinatura do médico-chefe ou de quem o substitua.
 (Os médicos que não forem psiquiatras ou neurologistas devem indicá-lo.)

Cada asilo alemão recebeu um documento deste tipo.

Uma vez preenchidos os questionários, os diretores dos estabelecimentos deviam enviá-los ao Ministério do Interior, ao qual estavam adjuntos os Serviços de Saúde Cívica.

Estes questionários, fotocopiados, são então enviados a cerca de quinze especialistas em psiquiatria. Estes estudam-nos e dão o seu parecer, favorável ou

não, unicamente com base nos questionários. Os seus pareceres são de novo enviados ao Ministério do Interior, onde dois supervisores encarregados da decisão final os aguardam.

Três organismos «caritativos», cuidadosamente camuflados, cooperam para a execução do Programa T 4: o Serviço Comunitário do Trabalho, a Associação de Beneficência para as Questões Económicas e a Corporação dos Transportes de Doentes.

Porque, bem entendido, os alienados ou «improdutivos» nunca são exterminados no local onde se encontram!

Alguns dias depois da sua transferência para outro estabelecimento, a família recebe uma carta anunciando a inesperada morte do seu doente.

Dezenas de milhares de cartas do género da que se segue foram expedidas dos centros de extermínio:

*Do estabelecimento de doentes mentais de Grafeneck, à senhora
Barbara Schmidt,
Zwickau (Saxe) Münzingen, 6 de agosto de 1940*

*Estimada senhora Schmidt,
Lamentamos ter de a informar do falecimento inesperado e repentino, em 5 de agosto de 1940, da sua filha, Franziska Schmidt, em consequência de um edema cerebral; ela tinha sido trazida para o nosso estabelecimento em 26 de julho de 1940, em consequência das medidas tomadas pelo comissário para a Defesa Nacional.
Devido à sua grave doença mental, a vida da defunta era apenas sofrimento; é por isso que deve aceitar a sua morte como uma libertação dos seus sofrimentos.
Por causa do atual perigo de epidemia no nosso estabelecimento, as autoridades policiais deram ordem para se cremar o corpo imediatamente.
A certidão de óbito...*

Doutor Keller.

UM PRETEXTO PRECIOSO

Avançara-se bastante, desde aquela ocasião, em março de 1939, em que Brandt, convocado de urgência, entrou no gabinete do Führer. Hitler, em plena discussão

com Martin Bormann, tinha na mão uma carta que parecia agitar constantemente contra adversários invisíveis.

— Ah, Brandt — exclamou —, leia-me isto!

O Führer estendera-lhe a carta.

Datada de Leipzig, era de um homem que pedia a morte para o seu filho disforme, cego e idiota, ao qual faltava uma perna e parte de um braço.

Profundamente impressionado pelo conteúdo daquela estranha carta, Brandt, em silêncio, pousou-a em cima da secretária de Hitler e olhou para os dois homens com ar interrogativo.

— Este homem é um verdadeiro alemão — exclamou Hitler —; não se dirá que o seu pedido não foi aceite. Confio-lhe a tarefa de levar a bom termo este assunto, Brandt. Parta imediatamente para Leipzig. Vá ter com o médico desta família e diga-lhe que eu autorizo legalmente a eutanásia.

— Eu ocupo-me do aspeto jurídico — disse Bormann, como um eco. — Vou falar pessoalmente com o doutor Guertner.

Uma semana mais tarde, Brandt regressou a Berlim. A eutanásia tinha sido realizada sem problemas.

Hitler tinha feito Brandt dar o primeiro passo. Este havia de se lembrar disso seis meses mais tarde.

DUZENTAS E SETENTA E CINCO MIL VÍTIMAS

O filme de propaganda de Viktor Brack *Acuso* retoma o argumento da «libertação pela morte».

O caso focado é escolhido com todo o cuidado. Trata-se de um médico que, depois de ter tentado tudo para salvar a mulher, é obrigado, a pedido da própria doente, a «libertá-la». Evita-lhe os sofrimentos atrozes dos derradeiros momentos. Todo este enredo está mergulhado num vale de lágrimas e de corajosas declarações de conteúdo moral. Tudo se conjuga, mesmo e principalmente a dimensão sentimental, para comover o público mais severo.

Por detrás desta propaganda «judiciosa», a realidade vai ser o extermínio de duzentas e setenta e cinco mil pessoas⁴. Destas, uma parte vem diretamente dos campos de concentração. As primeiras execuções de judeus começaram assim. Ciganos, russos, polacos, judeus serão submetidos à eutanásia, sem se levar em linha de conta qualquer hipótese de doença. Trabalhadores dos territórios do Leste ocupados que tenham ficado incapacitados para o trabalho são igualmente executados a coberto do Programa T 4. O mesmo acontece com doentes alemães

⁴ Segundo o Tribunal Militar Internacional de Nuremberga.



Presidente da Ordem dos Médicos do Reich, chefe dos Serviços de Saúde do Partido Nazi e secretário de Estado do Ministério do Interior, o doutor Leonardo Conti obteve, pouco antes do fim da guerra, o grau mais elevado das SS, o de *Obergruppenführer* (general-de-exército). Desempenhou um papel considerável no desenvolvimento das experiências médicas nazis. Preso pelos Americanos em 19 de maio de 1945 e encerrado nas prisões de Nuremberga, suicidou-se uma semana mais tarde. «Espero que Deus tenha piedade de mim», escreveu ele, na sua última mensagem.

(C. D. Judaica Contemporânea)

(feridos de guerra ou de acidentes de trabalho), mentalmente normais. E muitos dos doentes mentais e dos demais doentes suprimidos não eram de modo algum incuráveis.

Tornado extensivo aos campos de concentração, o Programa T 4 passará a ser designado por «Ação 14 F 13».

Em Nuremberga, Karl Brandt declarará em sua defesa:

— A Ação 14 F 13 nada tinha que ver com o programa da eutanásia, cujos responsáveis eram especialistas, diretores de grandes estabelecimentos de doentes mentais e muitos professores universitários... O facto de os médicos do programa da eutanásia terem aparecido nos campos de concentração parece-me obscuro... Em minha opinião, o fator decisivo teve de ser Himmler, que era único a decidir da vida dos prisioneiros.

«ESTA OPINIÃO NÃO É DESUMANA»

No dia 4 de fevereiro de 1947, o doutor Karl Brandt depõe acerca da eutanásia. Na austera sala do Tribunal Internacional de Nuremberga vai-se deliberar, durante vários dias, acerca do desenvolvimento, das causas, das consequências, da ética, enfim, da chacina dos alienados.

— A minha opinião pessoal — dirá Brandt — é que, tendo sido o próprio chefe de Estado a atribuir-me essa tarefa, eu não podia certamente supor que o decreto iria ser aplicado numa ação criminosa. Mais tarde, tanto eu como os outros pudemos dar-nos conta de que tudo estava em ordem, no que nos dizia respeito.

»Tratando-se mesmo dos alienados, considerávamos que eles não tinham possibilidades de avaliar a situação; não eram casos ligeiros, mas sim casos muito graves. Só o médico podia decidir. O consentimento dos parentes também não era pedido, primeiro devido ao segredo, mas sobretudo porque um leigo não pode julgar do estado de um parente doente. Aliás, não podemos deixar que alguém decida da vida ou da morte de um parente qualquer. Era o médico quem, apoiado pelo Estado, devia assumir a responsabilidade...

— Ao considerar o processo como um todo, sente atualmente algum peso na consciência em relação à prática da eutanásia?

— Não, não sinto peso algum por isso. Tenho a impressão e a certeza de que sou perfeitamente responsável, perante mim próprio, do que fiz nesse aspeto. Tudo partia de um sentimento absolutamente humano; nunca considerei qualquer outro e nunca acreditei noutra coisa que não fosse abreviar aos seres em estado miserável uma existência cheia de tormentos. Só lamento

que circunstâncias estranhas tenham causado aos seus parentes uma dor indesculpável. Mas estou certo de que, hoje em dia, tais pessoas já venceram essa dor e já sentem elas próprias que os seus parentes foram libertados de um sofrimento...

»A eutanásia pode parecer horrível, desumana, mas os seres humanos que já não podem cuidar de si e cuja vida é um sofrimento devem ser ajudados; esta opinião não é desumana. Nunca pensei que isso fosse contrário à ética ou à moral. As dificuldades que se experimentaram na execução e os lamentáveis incidentes surgidos não afetam o princípio.

«NÃO TINHA NADA QUE VER COM ISSO?»

Durante o contrainterrogatório conduzido pelo procurador McHaney, Karl Brandt reconheceu que não tinha quaisquer conhecimentos psiquiátricos e que Boulher não era médico. Depois, o procurador interrogou-o acerca da escolha dos médicos encarregados de executar a ação T 4.

McHaney — O decreto de Hitler diz que o senhor tinha a responsabilidade de alargar a autoridade de certos médicos a designar. Que fez?

Brandt — Esses médicos foram designados pelo Ministério do Interior. Nem Boulher nem eu podíamos vigiar os asilos.

McHaney — Colheu referências acerca desses médicos?

Brandt — Não. Isso era feito por ordens do Ministério do Interior.

McHaney — Mas, depois, a sua responsabilidade e a de Boulher ficavam comprometidas com a escolha desses médicos?

Brandt — Nem Boulher nem eu pudemos designar pessoalmente esses médicos. Confiámos no departamento ministerial de que eles dependiam.

McHaney — Mas, como bom partidário do Führer, aceitava a responsabilidade da sua designação?

Brandt — A responsabilidade da designação desses médicos e da sua seleção incumbiam ao Ministério do Interior e não a mim.

McHaney — De modo que, se fossem cometidos erros por ocasião da escolha dos médicos e se fossem chamadas personalidades duvidosas, não aceitaria a responsabilidade. Não tinha nada que ver com isso?

Brandt — Não posso dizer que não tinha nada que ver com isso. No entanto, a escolha foi feita por via oficial... Não posso citar-lhe um único nome de um especialista.

McHaney — Tenho uma certa curiosidade de saber porque é que um homem como o senhor, na situação que tinha, com a responsabilidade de designar

esses médicos para os autorizar a praticar a eutanásia, não consegue lembrar-se de dez ou quinze nomes. Lembra-se de que dois a quatro por cento das pessoas enviadas para as centrais da eutanásia eram postas de lado e não chegavam a ser mortas. Não consigo compreender como é que, com uma memória tão excelente, não é capaz de se lembrar dos nomes de dez ou quinze pessoas.

Quem teria razão, Brandt ou McHaney? Brandt seria ou não responsável pela escolha dos médicos encarregados da eutanásia, e, por conseguinte, pelos «erros» do programa? Parece bem que não.

INSTITUTOS DE OBSERVAÇÃO E SUPERVISOR

No dia 14 de outubro, Viktor Brack redige, em Nuremberga, um depoimento em que descreve as linhas mestras do programa da eutanásia. O doutor Bayle, que seguiu os debates do julgamento dos médicos, afirma que «as declarações feitas antes do julgamento eram muitas vezes mais francas e mais precisas que aquelas que se obtinham durante as audiências».

Nesse depoimento, Brack acusa Brandt de amplas responsabilidades. Escreve:

«O programa da eutanásia teve início durante o verão de 1939. Hitler deu uma ordem secreta ao professor Karl Brandt e a Philipp Boulher, encarregando-os da responsabilidade de mandarem matar as pessoas mentalmente incuráveis. Antes dessa ordem secreta, Boulher conferenciou com os doutores Brandt e Leonardo Conti, secretário de Estado para a Saúde Pública, no Ministério do Interior. Boulher e Brandt deviam escolher os médicos destinados a executar este plano. Os asilos de alienados dependiam do Ministério do Interior: foi o doutor Herbert Linden quem representou o ministério. O doutor Karl Brandt escolheu como colaboradores os professores Heyde e Nietzsche.

Três nomes diferentes eram utilizados pelos serviços de Brandt para mascarar a atividade dessa organização:

Comunidade de Trabalho;
Instituição de Auxílio e Tratamento;
Sociedade de Transporte de Doentes.

No início deste programa, o doutor Karl Brandt reuniu-se com Philipp Boulher, com quem discutiu numerosos pormenores deste projeto.

Eu recebi ordens para executar a parte administrativa do programa da eutanásia. O meu adjunto era Werner Blankenburg, que me sucedeu quando voltei para as *Waffen SS*, no início de 1942. Os membros do meu serviço eram Von Hegner, Reinhardt Vorberg e o doutor Hevelmann.

No Ministério do Interior, o doutor Linden era o encarregado do programa

da eutanásia; o seu adjunto era o conselheiro Franke. O Departamento da Saúde Pública do Ministério do Interior tinha autoridade sobre todos os asilos de alienados do Reich; por esse facto, o meu departamento e o serviço do doutor Brandt estavam em estreita ligação com o Ministério do Interior.

Por ordem do doutor Linden, os diretores de todos os asilos de alienados do Reich deviam preencher questionários sobre cada um dos doentes da sua instituição. Esses questionários haviam sido elaborados por Boulher, Heyde, Nietzsche e outros mais, ao longo das suas numerosas reuniões.

Eram enviadas fotocópias de cada questionário a quatro especialistas, a fim de se determinar o estado de cada doente. Esses especialistas eram de dez a quinze médicos. Tenho na memória os nomes dos doutores Pfanmüller, Schumann Falthausen e Rennaux. Cada um deles indicava se o doente podia ser transferido para um instituto de observação e, eventualmente, morto. O questionário era então enviado a um supervisor. O doutor Linden dava depois ordem ao respetivo asilo de alienados para transferir o doente para um instituto de observação. Lembro-me particularmente dos de Elfing-Haar, Kempten, Iena, Buch e Arnsberg.

Nesses institutos, o doente era submetido à observação de um médico por um período de um a três meses. O médico tinha o direito de alterar o programa, se concluía que o doente não era incurável. Se o médico estivesse de acordo com o supervisor, o doente era transferido para um centro de eutanásia; lembro-me perfeitamente do nome desses centros: Grafeneck, dirigido pelo doutor Schumann, Brandenburg, dirigido pelo doutor Hencke, Hartheim, dirigido pelo doutor Rennaux, Sonnenstein, dirigido pelo doutor Schwalmbach, Hadamar e Bergberg, dirigidos pelos doutores Bencke e Becker, respetivamente.»

AFIRMAÇÕES CONTRADITÓRIAS

Durante o julgamento de Nuremberga, Karl Brandt, depois de ter tomado conhecimento do depoimento de Viktor Brack, negou a sua participação nos órgãos de decisão da eutanásia, no que respeitava aos «erros» monstruosos provocados pelo programa.

— O plano traçado por Brack é inexato — declarou Brandt. — Eu não tinha nenhuma repartição e não fazia parte da organização da eutanásia; para além da autoridade que me tinha sido conferida por aquele decreto do Führer, não tinha mais instruções nem diretivas: Boulher é que era o chefe da máquina administrativa.

O doutor Servatius, advogado de defesa de Karl Brandt, leu uma passagem de uma carta de Boulher ao ministro da Justiça, Guertner:

— «Em virtude da autoridade do Führer, e como único responsável pela execução destes assuntos, dei aos meus colaboradores as ordens necessárias.»

À pergunta do juiz presidente Sebring:

— Podemos supor que as ideias da exterminação médica e da eutanásia tivessem estado ligadas no espírito de Hitler?

Karl Brandt respondeu:

— Não necessariamente. Uma das características de Hitler era guardar segredo absoluto acerca dos seus planos e dos seus projetos. O príncipe Philippe de Hesse jantou uma noite com Hitler no quartel-general, e foi preso à saída...

LUTA PELA VERDADE

O rosto ossudo do procurador McHaney, que conduz os interrogatórios de Karl Brandt, os seus olhos negros, os seus gestos vivos, as suas observações escarninhas revelam rapidamente à assistência do julgamento de Nuremberga uma personalidade intransigente, decidida a levar até ao fim a sua luta pela verdade. O frente a frente entre o procurador de Little Rock e o favorito de Hitler é um jogo difícil, por vezes um diálogo de surdos, mas um diálogo sempre apaixonante.

McHaney — Não tenho uma ideia muito nítida do que você terá feito para pôr em prática esse programa, e do que fez quando ele começou a funcionar.

Brandt — Não tive nada que ver com a concretização do programa. Isso dizia respeito a Boulher. De facto, durante todo esse período, não me encontrava em Berlim. Em 1942, estive constantemente retido no quartel-general do Führer. O meu papel consistia em informar o Führer acerca das condições em que se encontrava a medicina em geral.

McHaney — Vejo claramente que o senhor e Boulher foram ambos encarregados da responsabilidade desse programa; de facto, o senhor não quer aceitar essa responsabilidade perante este tribunal.

Brandt — Eu não sabia ser responsável pela execução desse programa, uma vez que praticamente nunca estava em Berlim. Não podia controlá-lo, pois não era psiquiatra, mas apenas cirurgião.

McHaney — De modo que, se foram cometidos crimes durante a execução desse programa, o senhor não é responsável por eles, e a sua acusação por esse motivo é um erro. A minha conclusão está correta?

Brandt — É preciso fazer uma diferenciação entre o programa legal, tal como aparece no decreto, e tudo o que sobreveio à sua volta, em Lublin, em matéria de esterilização, e o que se refere à Ação 14 F 13. Todas essas coisas não tinham nada

que ver com o programa da eutanásia e não se situavam no mesmo plano médico e humano que o decreto.

McHaney — Tento determinar quem é responsável pelos crimes cometidos.

Brandt — Não tive conhecimento de que tivessem sido cometidos crimes no âmbito do programa. Se foram cometidos crimes, tal só pode ter acontecido nos próprios centros de execução da eutanásia, mas isso é impossível, pois os doentes que lá chegavam já tinham sido examinados por um certo número de especialistas, que haviam dado o seu parecer. Cada médico agia com plena responsabilidade e independência. Se algum crime fosse cometido, a pessoa implicada era responsável individualmente, pois atuava em desacordo com as diretivas recebidas como médico...

McHaney — Recebeu relatórios acerca do programa?

Brandt — Não eram feitos relatórios e foi por isso que os não recebi.

McHaney — Como podia dar informações ao Führer, se não recebia relatórios e não tinha conhecimento do que se passava?

Brandt — Discutia o assunto com Boulher e com o Führer. Apenas o informava oralmente, nunca fiz relatórios escritos.

McHaney — Que conhecimento pormenorizado tinha, enfim, do funcionamento real do programa e que contas prestou dele ao Führer?

Brandt — (...) Quando era posta uma questão excepcional, ou surgia algum facto importante que Boulher não queria decidir sozinho, dirigia-se diretamente a Hitler ou pedia-me que eu lhe desse conhecimento.

McHaney — Qual era a natureza desses problemas especiais cuja responsabilidade Boulher não queria assumir sozinho? São suscetíveis de nos interessar.

Brandt — Por exemplo, quando se levantou a questão de fazer abranger pelo programa crianças de sete a oito anos. Havia também questões técnicas provocadas, em parte, por cartas de protesto, cartas provenientes da Igreja.

McHaney — Por outras palavras, o senhor servia para remediar as dificuldades.

Brandt — Isso não é totalmente certo. Pediam-me para solucionar as dificuldades.

«ESSAS QUESTÕES NÃO SÃO DA MINHA RESPONSABILIDADE»

Dia 23 de abril de 1940. O papel cinzento do quarto de hotel reflete o céu sombrio de Berlim. Um homem espera, sentado junto à cama, com a mala ainda fechada o seu lado. Lá fora, o vento faz ranger as persianas que dão para a avenida. O retinir do intercomunicador quebra, de repente, o silêncio.

— Doutor Böhm, está aqui o doutor Brandt. Pode subir?

— Sim... sim...

A voz nasalada cala-se, enquanto o homem, impaciente, se dirige para a porta.

Alguns instantes depois, acolhe, com certo respeito, uma figura alta, vestida de escuro.

— Doutor Brandt, agradeço-lhe ter respondido ao meu apelo — diz o homem, apertando a mão que lhe é estendida. — Estou em Berlim somente de passagem...

— Não se desculpe mais, doutor Böhm — interrompe Karl Brandt, sorrindo. — Sei que as suas ocupações em Altresse⁵ não lhe deixam muito tempo livre.

— Doutor Brandt — prossegue Böhm com voz hesitante —, gostava de falar consigo acerca de uma comunicação que um amigo meu, o professor Kurt Klare, recebeu no mês de setembro último. Trata-se de cartas, cujas cópias lhe mostrei, escritas por parentes de alienados...

— Ah!

— Sim, soube pelo doutor Bormann que o senhor era um dos responsáveis do programa da eutanásia. Eis os três pontos que me foram apresentados pelo meu amigo Klare: a maneira pouco elegante como os parentes recebem a notícia; o não ser feita a mínima tentativa para obter o acordo dos parentes; a indicação de falsas causas da morte.

Karl Brandt não responde imediatamente. Parece refletir por um momento. Depois, com voz irritada, diz:

— Doutor Böhm, essas questões não são da minha responsabilidade. Essa maneira de agir provém de ordens diretas do *Reichsführer* Himmler.

— Mas, doutor Brandt, não acha que o programa da eutanásia devia ser regulamentado por uma lei, e não executado desta maneira secreta?

— É também a minha opinião — responde Brandt, com um ar subitamente cansado. O ministro Guertner está igualmente de acordo comigo. E o consentimento dos parentes dos alienados parece-me necessário... Mas nem sempre podemos fazer o que queremos — acrescenta em voz baixa.

Um silêncio pesado, cheio de subentendidos, cai entre os dois médicos. Depois, Karl Brandt prossegue, com voz firme:

— Escute, doutor Böhm, a seleção das pessoas a executar é feita em função do exame pessoal dos doentes por comissões de médicos. Não ponho em causa essas cartas recebidas pelo doutor Klare, por quem tenho um respeito muito grande, mas considero este programa justificado, tanto do ponto de vista huma-

⁵ Altresse era uma escola superior de medicina de que o doutor Böhm era diretor, juntamente com Kurt Blome, de que falaremos mais adiante.

no como do ponto de vista social. No entanto, tentarei discutir o assunto com as autoridades competentes...

A reunião terminou. Durou vinte minutos.

O MEMORANDO DO PASTOR BRAUNE

No dia 9 de julho de 1940, o pastor Paul Braune, diretor dos estabelecimentos psiquiátricos de Hoffnungstal, redige uma nota dirigida ao ministro Lammers. Tal como vários eclesiásticos alemães, o pastor vai lançar uma enérgica campanha contra o extermínio dos alienados. Porém, a máquina está já em movimento e nada a fará deter-se. Toda e qualquer oposição é impiedosamente esmagada. O pastor Braune não escapará à repressão. Será preso e mantido na cadeia até à queda do III Reich.

Eis essa nota:

«Lobetal, Bemau, arredores de Berlim.

Ao longo dos últimos meses, temos observado em várias regiões do Reich a transferência de grande número de doentes dos asilos; nalguns casos, os parentes dos doentes receberam a notificação da sua morte algumas semanas depois. A uniformidade dos procedimentos não deixa qualquer dúvida: o Estado parece decidido a desembaraçar-se de milhares de seres humanos inaptos para a vida. Uns declaram que é por razões de defesa nacional que se torna necessário matar essas bocas inúteis. Outros dizem que, para melhorar a raça alemã, é essencial eliminar rapidamente os doentes mentais, os doentes incuráveis, os anormais, os insociáveis e os antissociáveis. Calcula-se que cem mil pessoas, ou mais, possam estar em causa. Há quem fale de um milhão...

É uma coisa perigosa abolir-se a imunidade da pessoa humana sem uma base legal. A ética de todo um país não será posta em perigo, se a vida humana vale tão pouco? Numa verdadeira comunidade, os sãos devem cuidar dos doentes e dos fracos...

Pede-se às autoridades competentes que, antes de decidirem da sorte de milhares de seres humanos, detenham estas medidas desastrosas e mandem examinar a questão de um ponto de vista legal, médico, ético e político.

Pastor Braune.»

No dia 16 de maio de 1941, o presidente do Tribunal de Francoforte do Meno dirige o seguinte relatório ao ministro da Justiça:

«Toda a gente está ao corrente do que se passa nas regiões onde se situam estabelecimentos de doentes mentais. Disseram-me mesmo que, quando os carros passam, as crianças gritam: “Lá vão mais para as câmaras de gás...” Todos os dias se pode ver um fumo espesso a elevar-se da chaminé do forno crematório de Hadamar. O pessoal que trabalha nessas execuções está a ser absolutamente posto à margem pela população, e à noite passa o tempo nas tabernas a embriagar-se fortemente com bebidas alcoólicas. A população anda inquieta acerca da sorte dos velhos.»

Durante o contrainterrogatório, em 4 de fevereiro de 1947, em Nuremberga, o procurador McHaney interpela Brandt nos seguintes termos:

McHaney — Admite, doutor Brandt, que a eutanásia também deva ser aplicada a pessoas que ainda possam resistir e que tenham o desejo de viver?

Brandt — Não, não, de maneira nenhuma. Se alguém tiver vontade de viver, a eutanásia não pode ser considerada um ato de libertação pela morte.

McHaney — Citar-lhe-ei então o documento 906. Leio apenas uma frase: «As cenas mais selvagens que se possa imaginar tiveram então lugar. Muitos daqueles doentes não queriam subir de sua livre vontade para os carros, onde foram metidos à força.» Não pensa que essas pessoas tinham ainda a possibilidade e os meios de resistir?

Brandt — Não penso. Ou melhor, trata-se de um exagero...

«BRANDT NÃO SOUBE REALMENTE DE NADA»

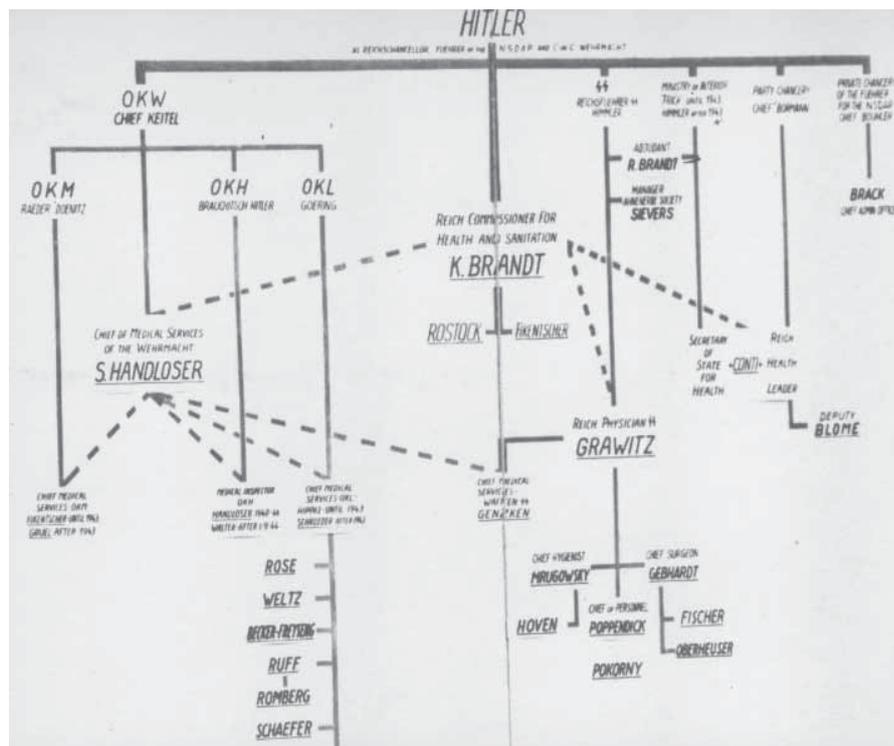
Entre 1940 e 1941, as queixas individuais dos parentes dirigidas ao ministro da Justiça, as denúncias corajosas de bispos católicos e de pastores protestantes, a intervenção enérgica de certo número de velhos militantes nazis conseguiram fazer interromper a sinistra ação T 4.

Uma carta do pastor Braune, datada de outubro de 1946, precisa o papel desempenhado por Karl Brandt nessa interrupção:

«Durante a minha detenção, o pastor Bodelschwingh, de Bethel, manteve negociações com Boulher, da Chancelaria, assim como com o novo comissário para a Saúde Pública, o professor Brandt. Este último mostrou compreensão em relação às posições dos meios eclesásticos e, por fim, contribuiu para a suspensão das medidas tomadas contra o estabelecimento de Bethel nos anos de 1941 e 1942. Que eu saiba, nenhum doente de Bethel foi eliminado.»

Em resumo, o papel de Brandt é ambíguo, fundamental e operacional. Na

aprovação inicial e no desenrolar da Ação Eutanásia, manteve-se fiel aos princípios que entendia serem simultaneamente de interesse humanitário e de interesse nacional. O papel que desempenhou não foi além deste plano, da circunstância da sua presença junto do Führer e, por vezes, como acabamos de ver, até para suspender definitivamente a execução do programa.



Organograma dos Serviços de Saúde do III Reich.
(C. D. Judaica Contemporânea)

O procurador norte-americano McHaney, o mais temível adversário de Brandt, dirá mais tarde em Nuremberga, a propósito da eutanásia e de outros procedimentos criminosos de que falaremos:

— O julgamento demonstrou que Karl Brandt não soube realmente nada dos crimes hitlerianos. Mas é culpado, porque o seu dever era ter sabido.